CÓPIA

PADRE FRANCISCO MARTINS DIAS

TRAÇOS HISTORICOS
E
DESCRIPTIVOS
DE
BELLO HORIZONTE

BELLO HORIZONTE
1897
Typ. do «Bello Horizonte»

CÓPIA

PADRE FRANCISCO MARTINS DIAS

TRAÇOS HISTORICOS
E
DESCRIPTIVOS
DE
BELLO HORIZONTE

BELLO HORIZONTE
1897
Typ. do «Bello Horizonte»

Ao Leitor

Amigo leitor, não é a vaidade de ver nosso nome estampado no frontispicio de um livro, e nem a pretenção de vel-o occupar um logarito, ainda que infimo, na fulgurante galeria dos escriptores e publicistas desta terra, cujas riquezas lhe apelidaram—Minas—e que melhor se chamaria *ninho de fadas;* não: a outro alvo se dirigem os projectis de nossa vontade.

Sermos uteis á nossa querida patria, concorrendo com o nosso pequeno e insignificante contingente para o seu progresso e adiantamento; dedicar-lhe as primicias de nosso acanhado talento litterario, dando ao publico uma ideia do que foi o pequeno logar, em que hoje se constroe a nova capital deste Estado, e descortinando, para muitos, as bellezas, os attractivos, as riquezas e os encantos deste logar;—eis o fito de toda a nossa ambição. Si o conseguimos, não o sabemos; dil-o-hão nossos leitores mais esclarecidos que nós, e de quem esperamos imparcialidade e benevolencia na critica.

Bem conhecemos as faltas e imperfeições de nosso trabalho, e as nuvens, que, por vezes, ensombreiam suas paginas; mas nem outra cousa é de se esperar de quem, pela vez pri-

meira, se abalança ao arduo e ingrato onus de compor e publicar um trabalho, a cujo auxilio faltaram algumas informações positivas, que a nossa historia mineira não poude fornecer-nos por deficiente que no ponto é. Consola-nos, porem, a ideia de deixarmos lançada a primeira pedrinha para o alicerce do edificio da historia do logar escolhido para a nova capital do Estado, desde sua primitiva origem, e dado o primeiro passo para os annaes da fundação da nova cidade mineira.

Si julgares, amigo leitor, que este modesto livrete vae desdourar-te a estante, atira-o, muito embora, sob tua mesa de trabalho; condemna-o ao desprezo eterno; mas lê-o primeiro.

Bello Horizonte, julho de 1897.

O Auctor.

CÓPIA

CAPITULO I

Preambulos

Quasi todas as cidades e povoações hoje existentes em terras do Brasil, e além dos mares, conservam tradicções, mais ou menos interessantes, e que, ás vezes, constituem curiosissimo monumento historico.

Quando, levados pelo desejo de instrucção e estimulados pelo fogo de amor patrio, tomamos, em seu berço, em 1500, essa creança gigante que se appellida Brasil, ou melhor, Terra de Santa Cruz; e, minuciosa e attentamente acompanhamos sua marcha triumphal atravez de quasi quatro seculos, excita-nos o enthusiasmo a exclamar ufanos: «Como a creança de Cabral é bella e travessa; mas como é briosa, intelligente e forte!»

Si nem sempre vemos nas cidade e villas de nossa patria tradicções heroicas e marciaes como nas do velho mundo europeu, ou asiatico, vemol-as sempre de encantos e poezia; porque de poezias e de encantos são as plagas brasileiras.

Bello Horizonte, antes Curral d'El-Rei, um dos mais antigos arraiaes de Minas, deve pois ter naturalmente uma outra

tradicção mais remota e mais poetica do que a indicada pelo nome de Curral d'El-Rei, de que corre voz entre o povo.

Dizem os antigos que assim se chamava o logar por ser nelle onde se prendia e era apascentado o gado vindo do alto sertão, e destinado a El-Rei e sua côrte.

E com effeito, isso se faz crivel, attendendo-se á disposição topographica, ás excellentes e abundantes pastagens, e ás boas aguadas do logar.

Qual seja, porem, o fundador ou os fundadores da povoação ou arraial; quando o fizeram, e pôrque motivo o fizeram; si attrahidos pelas minas de ouro, ou pelos bellissimos terrenos de cultura e criação, não o podemos dizer, por mais esforços que empregassemos; porque um veo espesso de um passado de cerca de duzentos annos neutralisou toda a nossa investigação nesse ponto; outros que o esclareçam mais tarde, si o conseguirem.

Por agora, contente-se o leitor benevolo com o que vamos expondo, pois é o fructo de diligente e minucioso exame.

Sendo o Curral d'El-Rei, hoje Bello Horizonte, (pela razão que logo diremos) o logar para onde se converge actualmente toda a attenção dos mineiros, por ser o escolhido para a metropole do Estado, julgamos util e agradavel a nossos patricios, *maxime* aos de paragens remotas, dar-lhes alguma idéa e esclarecimentos sobre o passado e o presente da nova capital do Estado, o que iremos fazendo com toda a sinceridade e rectidão, caracteres esses indispensaveis a emprezas desta ordem.

Não é intento nosso mimosear nossos bons leitores com

uma peça litteraria, em que sobrenade, á tona da mediocridade, um estylo fluente e elegante, no qual brilhem phrases de fino gosto, e resplandeçam matizes de avelludado campo sorridente em flor, em tardes de primavera, não.

Si o pincel só dá vida ás telas quando em mãos de habeis pintores, que sabem combinar das tintas as vivas côres com o classico sombreado; e o cinzel só anima ao marmore, quando guiado por destro esculptor; tambem a penna só adorna ao pensamento com os atavios suaves da arte litteraria, quando manejada por mellifluo e festejado escriptor, que no vasto campo da litteratura sabe colher as flores; harmonisar as cores, e formar rico e delicado ramalhete que agrade ao publico apreciador.

Relevem-nos, pois, os leitores a monotonia e simplicidade; e continuaremos nos capitulos seguintes a dar-lhes conta do que nos foi possivel descobrir do antigo Curral d'El-Rei, e do moderno Bello Horiaonte, hoje capital do Estado.

CAPITULO II

Posição—Aspecto geral—Clima

Bello Horizonte occupa uma posição geographica correspondente a 19°, 55' e 22" de latitude sul, 1°, 10' e 6" de longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro.

Está situado a 800 metros sobre o nivel do mar, em extenso e magestoso planalto, circumdado, ao sul, pela serra que tomou o nome antigo do logar; e ao poente, pela serra da Contagem, pela qual é resguardado do nocivo vento poente e sul, para só ser brandamente afagado pela fresca briza nordeste, o que dá explicação a seu notavel clima de admiravel salubridade.

A' leste confina com o districto de Sabará; a oeste, com o do arraial da Contagem; ao sul, com o de Villa Nova de Lima; e ao norte, com o do arraial de Venda Nova.

Mede o seu districto, de norte a sul, isto é, do Alto da Serra ao ribeirão da Pampulha, 18 kilometros; de nascente a poente, a saber, da fazenda do Freitas ao alto do Jatobá, 22 kilometros.

Seu clima é optimo, secco e temperado; seu solo, uberrimo e recortado por diversos regatos e ribeiros, affluentes do

Arrudas, que por seu turno se desemboca no Rio das Velhas, que fica á distancia minima de 15 kilometros da séde da povoação.

Seu terreno se divide em campos e mattas, estas excellentes para cultura, principalmente do café, da canna de assucar, do milho e da mandioca, principaes fontes de rendas dos habitantes; aquelles, bellissimos para criação do animal cavallar, vaccum e lanigero. Não nos abalançamos a fazer apreciação de seu sub-solo e de sua geologia, por fallecer-nos competencia para fazermol-a por conta propria, e parecer-nos fastidioso trancrever aqui os lisongeiros resultados de profusos e profundos estudos, feitos por profissionaes habilitadissimos, que o publico conhece; abstenhamo-nos desse onus, e passemos além.

De qualquer ponto que se observe Bello Horizonte, é sempre o mesmo o effeito maravilhoso que se sente diante do panorama poetico e bello que se nos apresenta, e como o qual, talvez, não haja igual em todo o Estado de Minas.

O viandante, a quem não passam despercebidas as notas harmonicas da natureza, vê-se obrigado a parar, a dilatar sua vista pelo painel formado pelas modestas casinhas com seus mimosos pomares, disseminadas aqui e acolá, em vasto e ondulante planalto, e a deixar sua imaginação doudejar pelas mysteriosas regiões do além-azul, provocado pela soberba vista do panorama descripto, quer venha elle, o viandante, de Sabará, (pela estrada de rodagem), quer venha da Contagem, quer venha de Venda Nova.

Quantas vezes tem-nos isso acontecido, e sempre com novo interesse!

Quantas vezes, viajando em trabalhos de nosso ministerio por qualquer daquellas estradas ou serros; cançados, empoeirados ou sarampintados de lama, paramos como que para, tomar novo alento, dilatar os pulmões e recreiar a vista pelo esplendido quadro que ora vamos descrevendo!

Mas nenhum ponto offerece-nos horizonte mais vasto, mais deslumbrante panorama e de encantos mais seductores do que o Alto da Serra, ou o pico do Taquaril, ponto culminante de todo o districto.

O viajante observador que, partindo de Villa Nova de Lima, por caminhos ingremes, tortuosos e alcantilados, ganha o alto da serra, pára insensivelmente, deslumbrado pela robusta magnificencia do quadro poetico que se desenrola diante de se.

Sua vista, estendendo-se, dilatando-se pelos extremos de um horizonte intermino, se cança e perde-se nas cambiantes ondulações das nuvens, que, lá ao longe, ao longe, como flócos de neve, ou como largo cinto azul, se confundem com o fio dorsal das cordilheiras, que se alongam em um semi-circulo de mais de 70 kilometros, dando viva e quasi real ideia de vasto amphitheatro com bancadas e archibancadas, formadas pela serie gradativa das cordilheiras, e com tablados ou palanques, formados pelos verdejantes e avelludados comoros, esparsos, aqui, alli.

Ao noroeste, tomado do ponto supra alludido, bem ao

longe, avistam-se umas como que alvas pombas, ou brancos pontinhos em verde manto,—é o arraial da Contagem.

Ao nordeste, veem-se uns pequenos vultos brancos, como manadas de alvos coelhos indianos,—é a legendaria cidade de Santa Luzia.

Além, além, e ao norte, percebem-se, aqui e acolá, outros quasi imperceptiveis pontos pardacentos ou esbranquiçados,—são diversas capellinhas ou ermidas, filiaes das matrizes de Lagôa Santa, Mattosinhos e Venda Nova.

Voltando-se um pouco a vista da-se, a 21 kilometros de distancia, com a antiga cidade de Sabará, poeticamente assentada ás margens do Rio das Velhas.

A' Leste, parece-nos ver branquinha pomba levemente pousada no cimo de alto monte,—é a celebre capella de N. Senhora da Piedade, na serra do mesmo nome.

Recuando um pouco sua vista, o espectador dessas bellezas longinquas verá logo, como que a seus pés, nas faldas da serra em que o suppomos, o arraial de Bello Horizonte, assentado em suave declive, que morrendo brandamente termina-se em extenso e relvoso planalto, que tambem vae de manso se quebrar no Arrudas.

Suas casas e pomares, observados daquella distancia, assemelham-se a mansos cordeirinhos brancos, tranquillamente pascendo em verdes campinas, ou a alvas garças se espelhando em face de um lago azul, ou a claros lençoes se alvejando ao longe.

No centro, destaca-se um vulto mais vistoso e importante

—é a casa de oração, onde com egual direito entram o rico e o pobre, o sabio e o ignorante, o nobre e o plebeu,—é a matriz da freguezia.

Em quanto a vista se divaga por este vasto ambiente de delicias e de encantos, a imaginação se escalda e se eleva a ideias de grandezas mysticas e mysteriosas; e o coração, subindo aos labios, prorompe nestas expressões: «Como Deus é grande nas obras da creação! Porque não havemos de ajudar a natureza a completar a obra que ella tanto caprichou neste torrão abençoado sob a acção de seu Auctor?

Quanta belleza occulta!

Quanta riqueza escondida!

Quanta poesia ignorada!»

Si a hora em que tudo isto se contempla é á tardinha, ao pôr-se no occaso o sol, oh! então não se podem descrever os magicos encantos, que produzem os reflexos dos ultimos dourados raios solares sobre o panorama ja de si tão imponente!

E' um mar prateado, com reflexos de uma nuvem de ouro, que batendo-se de encontro a brilhantes pedras, que á tona sobresahem, produzem as cores do Iris.

Sente-se, mas não se descreve.

CAPITULO III

Origem

Não nos sendo possivel descobrir a origem de Bello Horizonte, ou melhor diremos, do antigo Curral d'El-Rei, como ja deixamos ponderado nos capitulos precedentes, não nos abalançamos a affirmar cathegoricamente que ja fosse este logar descoberto, conhecido e habitado em meiado do seculo XVII, por faltarem-nos para isto dados positivos e certos, que não encontramos na escassez, e quasi absoluta falta de documentos, na historia e ephemerides mineiras; todavia temos disso quasi certeza, baseados no seguinte que vamos expôr:

—Pelos annos de 1573 a 1600, a febre de explorações de minas auriferas, pedras preciosas e riquezas subterraneas, em terras do Brasil, e mormente em Minas, havia chegado ao seu auge; e Portugal despejava no novo mundo meridional quasi um quinto de seus habitantes, que vinham á cata de riquezas, que a natureza esgotada não mais lhes dava no velho torrão patrio.

A Provincia de Minas naquelles tempos era synonima de ouro, e de riqueza.

O primeiro ousado explorador que pisou terras mineiras

foi Sebastião Fernandes Tourinho, o qual descobriu em 1573 o Sertão da Casca, hoje, Cuiethé, onde havia uma aldeia de indios; e donde retirou-se para os sertões do Rio Doce, para dar logar a outro aventureiro mais forte e mais bem aprestado —Antonio Rodrigues Arzão.

Por esses tempos, ja de volta de suas explorações ao Serro do Frio, aonde o levara a fama de suas esmeraldas, Fernando Dias Paes, cuja ambição não era satisfeita pelos resultados de suas aventuras, estabeleceu-se, com seu genro Manoel de Borba Gato, nas pittorescas margens do Guiaxim, (na lingua indiana) hoje conhecido pelo nome de Rio das Velhas.

Foi então, ahi, e nesse tempo, que foram descobertas as celebres faisqueiras de Sabará pelo genro de Fernando Paes.

Essa conquista, porem, permaneceu algum tempo conhecida só de seu auctor e de seus poucos confidentes, até que em 1699 ou 1700 foi manifestada a Arthur de Sá, então governador da capitania de São Paulo, da qual dependia a de Minas Geraes naquelle tempo, para delle obter o perdão do crime que havia a Borba sido imputado de assassinato do governador D. Rodrigo, que dizia-se, ter sido morto por Borba, por suppor o mesmo que Rodrigo queria empregar a violencia para conseguir o segredo das faisqueiras do Rio das Velhas contra o seu descobridor.

Depois deste ligeiro relancear d'olhos sobre a origem da vizinha cidade de Sabará, o que muito nos vem ao caso, não é temeridade affirmar-se que o sitio—Curral d'El-Rei—foi tambem por aquelles tempos descoberto, visitado e habitado por alguns da comitiva de Borba Gato, descobridor das faisqueiras

ja referidas; e disso tanto mais se convence, quanto mais se vê harmonisarem-se os dados basicos e comprobatorios da asserção. Esses dados, melhores não os podemos ter do que na pequena distancia que medeia entre o ponto de residencia dos primeiros exploradores, á margem do Rio das Velhas, e no sitio do Curral d'El-Rei; na facilidade de accesso a elle, na incontestavel e indescriptivel belleza de sua flora, e na riqueza immensa das entranhas de seu solo, poderosos agentes attractivos.

Podemos, portanto, affirmar que o Curral d'El-Rei ja era habitado em meiados do seculo XVII.

Ainda para mais corroborar esta nossa asserção, ha aqui uma antiquissima versão corrente entre o povo, e que não é de se desprezar.

Diz a tradição que existe no Alto da Serra ou em suas adjacencias, uma rica mina de ouro, por um portuguez, em tempos idos, descoberta, e pelo mesmo cuidadosamente obstruida e dissimulada, emquanto fosse a Portugal buscar gente de sua confiança, parentes e amigos seus, para juntamente com elle, trabalharem na rica lavra e usufruirem de suas riquezas, (assim pensava); mas que tendo gravemente se enfermado ao chegar a Portugal, e vendo que não mais poderia voltar ao Brasil, chamou junto a si a sua mulher e revelou-lhe o importante segredo, que ella guardou cuidadosa, á espera da maioridade de um filho seu.

Communicado o segredo a seu filho ja moço, este cuidou logo de se aprestar para vir ao Brasil, ao logar indicado por

seu fallecido pae, em busca do thesouro; mas tendo vindo, debalde o procurou.

Os logares de preferencia examinados pelo novo explorador são os pontos que hoje correspondem, mais ou menos, com a frente da Matriz, dizem os antigos do logar, os quaes por seu turno tambem ja fizeram varias, porem inuteis tentativas.

Si essa mina é como as de prata de Roberio Dias, não o sabemos; mas em todo caso guardemos a tradição.

CAPITULO IV

Fundação

Para provar ainda a antiguidade do Curral d'El-Rei, e marcar a era de sua fundação, trazemos á baila uma outra ponderação, que, quando não nos satisfaça completamente no assumpto, projecta, comtudo, feixes de luzes ao nosso proposito; vejamos:

—E' fóra de duvida que no declinar do seculo XVII, ou no surgir do XVIII, ja havia neste logar uma capellinha aldeã e tosca, onde os fieis se reuniam para as preces das Trindades e mais ceremonias do culto da religião catholica, como soe fazer toda a gente, que ainda não tem o coração carcomido pelo cancro do vicio e enregelado pelo indifferentismo.

Ora, não se costuma edificar uma capella, ainda que pauperrima, antes de haver no logar habitantes ja domiciliados, o que não se consegue em poucos annos, e como que por alluvião; mas sim paulatinamente; logo...

Além disso, se attendermos que Curral d'El-Rei era ja tão populoso em 1750, que foi por carta regia elevado a freguezia, e que esse desenvolvimento, por aquelles priscos tempos, só então mui lentamente se fazia, somos levados a crer com

seu fallecido pae, em busca do thesouro; mas tendo vindo, debalde o procurou.

Os logares de preferencia examinados pelo novo explorador são os pontos que hoje correspondem, mais ou menos, com a frente da Matriz, dizem os antigos do logar, os quaes por seu turno tambem ja fizeram varias, porem inuteis tentativas.

Si essa mina é como as de prata de Roberio Dias, não o sabemos; mas em todo caso guardemos a tradição.

CAPITULO IV

Fundação

Para provar ainda a antiguidade do Curral d'El-Rei, e marcar a era de sua fundação, trazemos á baila uma outra ponderação, que, quando não nos satisfaça completamente no assumpto, projecta, comtudo, feixes de luzes ao nosso proposito; vejamos:

—E' fóra de duvida que no declinar do seculo XVII, ou no surgir do XVIII, ja havia neste logar uma capellinha aldeã e tosca, onde os fieis se reuniam para as preces das Trindades e mais ceremonias do culto da religião catholica, como soe fazer toda a gente, que ainda não tem o coração carcomido pelo cancro do vicio e enregelado pelo indifferentismo.

Ora, não se costuma edificar uma capella, ainda que pauperrima, antes de haver no logar habitantes ja domiciliados, o que não se consegue em poucos annos, e como que por alluvião; mas sim paulatinamente; logo...

Além disso, se attendermos que Curral d'El-Rei era ja tão populoso em 1750, que foi por carta regia elevado a freguezia, e que esse desenvolvimento, por aquelles priscos tempos, só então mui lentamente se fazia, somos levados a crer com

fundamento que este logar ja era com effeito conhecido e habitado pelos annos de 1650 a 1680.

O aspecto que apresentava o Curral d'El-Rei em 1700 era, segundo o que nos foi possivel descobrir, mais ou menos o seguinte:—umas 30 ou 40 cabanas cobertas de sapé, disseminadas, abrangendo, no centro, uma capellinha tambem coberta de sapé e de pyndoba, sita á beira do corrego Acaba Mundo, em frente ao cruzeiro da actual matriz, mais ou menos no logar em que existia um rancho, posteriormente transformado pelos habitantes em theatro provisorio, e hoje armazem e açouge.

Occupavam-se os seus habitantes primitivos, uns em faiscar, com suas batêas e carumbés, no sitio hoje chamado Barro Preto, e em outros pontos; outros em pequenas plantações e criações; outros, finalmente, faziam apenas do logar, que por mero gosto habitavam, ponto de partida para suas explorações e novas pesquizas.

Constituido em freguezia em 1750, como ja vimos, o Curral d'El-Rei, sempre de augmento em augmento, de progresso em progresso, chegou a dominar em 1815 a uma area de cerca de 95 kilometros, com uma população de quasi 18 mil habitantes, distribuidos pelos seguintes logares, dos quaes era elle o principal:—Sete Lagoas, Contagem, Santa Quiteria, Boritys, Capella nova do Betim, Piedade do Paraopeba, Brumado, Itatiayo-assú, Morro de Matheus Leme, Neves, Aranha e Rio Manso.

De então para cá tem decrescido sensivelmente sua popu-

lação, em virtude dos desmembramentos successivos dos logares supra indicados, os quaes, um após outros, foram se destacando da freguezia do Curral e se constituindo em freguezias independentes.

Assim, pois, em 1815 tinha toda a freguezia do Curral 13.000 habitantes; em 1840, 18.227; em 1864, 8 mil; em 1877, 4 mil; e em 1893, só 2.650.

Foi rapida a marcha decrescente.

O ultimo logar que se desmembrou do Curral foi Santo Antonio da Venda Nova, creado freguezia em 1870.

Como numerosos filhos de opulenta casa, que sahindo do lar paterno um após outros, constituem economia propria e deixam os velhos paes ja decrepitos na solidão, no desamparo e na decadencia; ou como passaros que ainda implumes guardam o ninho, festejam a seus paes quando lhes trazem o sustento, e, depois que se lhes cobre de pennas o corpo, batem azas, abándonam os ninhos e seus progenitores; assim fizeram aquelles logares com o Curral d'El-Rei. Comtudo, podia ainda este logar crescer e prosperar, com tantos e tão bellos elementos naturaes de vitalidade, de grandeza e de prosperidade; mas não cresceu e nem prosperou; e porque? Eis a pergunta que resalta dos labios de todo o visitante do actual Bello Horisonte e que examina seu clima, sua topographia, a extraordinaria fertilidade de seu terreno e seus excellentes mananciaes.

E' o que vamos vêr no capitulo seguinte.

CAPITULO V

Causas de Decadencia

Quando um logar qualquer, por pequeno que seja, tem a felicidade de possuir em seu seio, ao menos, dous ou tres homens intelligentes, instruidos, criteriosos, patriotas e que não se deixam cegar por paixões politicas, esse logar ha de por força tender para a via do enflorescimento e da prosperidade.

Mas, quando, ao envez disso, faltam esses homens, verdadeiras valvulas do progresso de sua patria; e, de mal a peior, quando os ha orgulhosos, imprudentes, capricbosos e de um mal entendido ou fingido patriotismo, esse infeliz logar, feito joguete de paixões partidarias, se atrophia e se enerva, porque se esterilisam as funcções de seu organismo social.

Ora, o Curral d'El-Rei, si teve a felicidade de possuir alguns homens bem intencionados, probos e honestos, teve tambem a desventura de possuir outros, (e estes mais poderosos) que se arvoravam em regulos, cujo unico fito era impôr sua vontade ao povo, que havia fatalmente de se curvar ao jugo de seus caprichosos intentos. Era o *sic volo, sic jubeo, sit pro ratione voluntas*, que a tudo dominava;—dahi a primeira causa

porque tão depressa declinou este logar de seu curto periodo de florescimento.

Ja não queremos falar do atrophiamento a elle advindo dos ferrenhos vinculos, que nos prendiam aos pés do throno de Portugal, e nem do systema de exclusivismo e centralisação do regimen passado, porque eram esses males communs.

A segunda causa do não desenvolvimento do Curral d'El-Rei temol-a inquestionavelmente na confusão das ideias politicas, e na desunião do povo; desunião esta que reflectia e influia até nos costumes, no trajo e no modo de viver dos habitantes e... que mais diremos?!... até na egreja, nos logares que escolhiam para assistirem aos actos religiosos, deixavam transparecer a divisão que entre elles havia!

O corrego Acaba Mundo, dividindo o arraial physicamente ao meio, dividia-o moralmente tambem, formando como que duas povoações differentes.

Ora, da união é que nasce a força, ninguem o ignora. E isso é ainda verdade até nas cousas materiaes. Uma vara fina e fragil qualquer menino a faz pedaços; mas se a ella ajuntarmos mais duas, mais dez, mais vinte, não é sufficiente para partil-a a força de vinte homens.

Uma povoação, uma cidade, ou um paiz, onde não existe a união entre seus habitantes, não pode desenvolver, como desenvolver não pode um machinismo, cujas molas não estejam harmonicamente dispostas e unidas: logo o Curral d'El-Rei não podia progredir, desprezando o elemento essencial de toda a grandeza—a união; porque si a falta d'ella é um mal nos logares grandes, muito mais o é nos pequenos.

A desunião, porém, que aqui entre o povo se notava (inexplicavel anomalia!) não era odiosa e nem inimiga; mas simples dissonancias de ideias e preconceitos de familia.

A terceira causa que obstava a este logar na marcha do desenvolvimento e do progresso, era a politicagem exaltada e desorientada de seus, muita vez, inconscientes representantes, que, enganados, ou só visando interesses pessoaes, ao povo fascinava, deixando-o depois a vêr navios, somente se alimentando de chimeras.

Foi semqre exaltada a politica no Curral d'El-Rei; e quando as questões politicas tocavam ao extremo, eram resolvidas pelo argumento sertanejo—páo ou chumbo.

Esse ardor, porem, foi se arrefecendo com o correr dos tempos e ao passo que o povo fot conhecendo o mal que o mesmo lhe causava; comtudo não se extinguiu de todo, e foi assim que nos ultimos dias da monarchia, foram aqui levantados, em plena rua, os sediciosos gritos de—Viva a Republica! —e, não ha muito, trocado o antigo nome de *Curral d'El-Rei* pelo de *Bello Horizonte*, para apagar de vez tudo o que a throno cheirasse, ou a rei se referisse,

O mal dos males, porem, e que a nosso vêr constituia o mais terrivel escolho ao desenvolvimento physico, intellectual e moral dos filhos deste logar é o que vamos mostrar no capitulo seguinte, como ultima causa, para a qual chamamos de um modo especial a attenção do leitor, que nos vae acompanhando neste humilde trabalho.

CAPITULO VI

Casamentos entre parentes

Muito de proposito deixamos para expôr em capitulo separado a quarta e ultima causa de não progredir o Bello Horizonte, por ser ella a mais seria e a mais importante—queremos falar dos casamentos entre consanguineos proximos em linha collateral.

Quasi todos os casamentos eram neste logar feitos entre parentes, e isto notadamente nas classes, que, mais ou menos, se salientavam por seus cabedaes, ou por sua posição.

A razão desse proceder não era a astreiteza do logar, ou para falar a linguagem theologica, a *angustia loci*, que ahi não era absoluta; mas sim o completo exclusivismo dos grupos, de que se compunha a freguezia, os quaes reluctavam em admittir a communhão de genta estranha em seu seio, á moda dos siganos, de quem Mello Moraes Filho, á pagina 292 de sua obra—*Festas e Tradições do Brasil*—diz: «Entre siganos o escrupulo de corpo estranho determinava casamentos entre parentes proximos, e d'ahi a pluralidade de casos pathologicos, bem como tres ou quatro individuos surdos-mudos em uma só familia, o que muitas vezes observamos.»

Não ha quem possa contestar que taes casamentos são de pessimas consequencias para as familias e para as sociedades civil e religiosa.

Capelman, com outras sumidades medicas, tem demonstrado que nada concorre tanto para o decahimento da raça humana, como a mistura de sangue de parentes nos casamentos. E um grande sabio francez, Troplong, accrescenta:

«E' uma regra commum em todas as nações que o sangue tem horror de si mesmo nas relações dos sexos; é por um sangue estranho que quer perpetuar-se para não degenerar.»

Ainda mesmo quando assim não se tivesse pronunciado a sciencia sobre este ponto, a experiencia quotidiana bastaria para nos convencer de que os casamentos entre parentes enfraquecem e degeneram a humanidade, além de outros males que para as familias acarretam.

Tomemos todos os individuos aleijados e defeituosos, que existem no mundo; examinemos attentamente, e veremos que as tres quartas partes do numero total dos mesmos são filhos de paes parentes entre si.

Mas, não haverá excepção? não haverá muitos filhos de paes aparentados, e que são perfeitos, nedios e fortes?

Para consolo dos paes costuma-se dizer que ha algumas excepções; mas nós aqui, forçados pelo dever de cumprir a promessa que no principio fizemos de sermos imparciaes na exposição e apreciação dos factos, hemos de dizer a verdade como a entendemos.

Ha, com effeito, algumas excepções; mas tão raras são,

como difficeis são as condições em que devem se achar os esposos parentes, para que a sua prole não nasça defeituosa, physica ou moralmente.

E, se formos atacar com rigoroso exame esses casos excepcionaes, chegar-nos-ha á evidencia que taes excepções são mais apparentes do que reaes, como nos affirmaram dous distinctos medicos a quem consultamos a esse respeito.

Dizem elles que os maus resultados nos filhos de paes consanguineos existem sempre: se não se manifestam logo ao nascer da creança, declaram-se na sua infancia, na sua adolecencia ou mesmo na sua virilidade; e, quando em nenhuma dessas epochas são visiveis taes effeitos, soffrem-n-os os nettos e os bisnetos, cujos troncos se casaram com exigencias de dispensa de consanguinidade.

Tres gerações ficam viciadas em virtude de taes casamentos!

Nem se diga que *fulano* e *beltrana* são parentes e têm filhos sem defeitos, porque uma creança por falar bem; ouvir e vêr melhor, e saltar por demais em travessuras, só por isso não se diz perfeita; ha outros defeitos e imperfeições peiores, que são as das faculdades mentaes, e dessas imperfeições não se livra nenhum filho de paes entre si parentes.

Nem se diga tão pouco que ha muitos aleijados, cegos, surdos-mudos e atoleimados, e que não são filhos de parentes, o que não contestamos; porque é certo que, pelas leis da physiologia e da psycologia ha tambem outras causas producentes desses mesmos effeitos na geração, como a embriaguez,

certas enfermidades, etc. etc., o que de modo algum destroe a nossa these.

A Egreja, desvelada sempre em attender ao bem estar das familias e da sociedade, comprehendendo os estragos que taes casamentos em umas e outra produzem, tem sabiamente creado leis que os prohibam, só suspendendo essa prohibição *pro singulis casibus*, diante da insistencia e pertinacia dos oradores, quando apresentam estes razões e causas reconhecidamente canonicas.

Ja no concilio de Toledo, celebrado em 532, foram os casamentos entre parentes prohibidos; e dahi para cá tem sido em muitos outros renovada e confirmada essa prohibição.

Não quer a Egreja e nem approva os casamentos de parentes até o quarto grau, e é por isso que tem estabelecido penitencias e multas aos noivos parentes, e creado outras difficuldades á realisação desses casamentos, para coarctar-lhes a frequencia.

E' verdade que nos tempos primitivos eram muito frequentes os casamentos entre consanguineos, com approvação do mesmo Deus, ao menos tacitamente; mas então havia para elles duas razões principaes, além de outras, as quaes não militam actualmente: a primeira era estar ainda o sangue muito puro, mesmo em relação aos parentes entre si, e portanto sem o perigo de produzir os tristes resultados, que, hoje com o sangue tão enfraquecido e viciado como o vemos, não se evitam; a segunda era a necessidade da propagação do genero humano então concretisado em um homem, e depois em algumas familias, o que não se pode hoje allegar.

Clamar-se, portanto, contra a Egreja por esse proceder seu tão altamente humanitario, é um contrasenso, é uma ingratidão e uma rebeldia, quando não se o faça por ignorancia: é um contrasenso, porque é querer contestar e contradizer uma verdade ja demonstrada pela sciencia e confirmada pela propria experiencia; é uma ingratidão, porque é querer exprobar a ella, a Egreja, aquillo que ella só faz a bem das familias e da sociedade; e, finalmente, uma rebeldia, porque é levantar-se contra uma lei fundamentada na propria natureza e razoavelmente imposta por quem todo o poder tinha para o fazer.

Com o que acabamos de dizer, e com o que ja deixamos dicto no capitulo anterior, parece-nos que fica respondida a pergunta, que girava ainda sem satisfactoria resposta; e explicado como é que um logar como este, de tão soberbo clima, de tão invejavel fertilidade, de paizagens tão lindas, e com proporções tão vantajosas para uma adeantada cidade, estivesse elle tão abatido e decadente, e com uma população tão resumida.

Como amigo que somos do bom e antigo povo de Bello Horizonte, bem quizeramos occultar ao publico este perfil de tão tristes côres de sua situação passada; o mesmo dever de amigo, porem, e de escriptor imparcial, nos impõe dizer a verdade, o que aqui fazemos com o mesmo intuito que um pae extremoso, quando a seu filho aponta as faltas para corrigir-lhe os defeitos,

CAPITULO VII

Salubridade

Longe de se desacreditar a incomparavel salubridade de Bello Horizonte com o que deixamos dicto no capitulo precedente, relativamente ao atrophiamento physico e intellectual dos seus habitantes, muito ao contrario, acredita-a e a recommenda; porque com tantos impecilios e obstaculos, como acabamos de apontar, comtudo o prodigioso clima deste logar exercia evidente e benevola influencia sobre seus habitantes, *maxime*, sobre aquelles que menos desapiedadamente tratavam as leis hygienicas e civilisadoras.

O povo de Bello Horizonte, salvo as excepções, vivia em luta continua (se posso assim expressar-me) com o bello clima de sua patria, declarando-lhe, uma classe, desapiedada guerra com as armas ja apontadas; outra, a classe infima, com a falta de hygiene, e quiçá com a ausencia dos essenciaes conhecimentos de conservação da propria existencia; e ainda mesmo assim, raras vezes occupava este povo medicos ou pharmacias, e os casos de obitos não attingiam a um por cento ao anno.

As raizes e hervas medicinaes nenhuma influencia tinham aqui; e nem pelas casas se viam vidros de charopes ou caixas

de pilulas, como tão tão commummente se vêem em outras partes.

A tão propalada cretinice e o bocio, como males endemicos neste logar, não passam de simples balela, levantada por quem não podia, de bom viso, soffrer que o velho Curral d'El-Rei levasse a palma tão disputada em combate tão porfiado, quando se tratava da escolha de um local proprio, para a fundação de uma cidade para metropole do Estado de Minas.

A victoria, (e brilhante victoria!) coube a Bello Horizonte, que, sem outras recommendações além das que lhe davam suas bellas qualidades naturaes, por se bateu-se, e de louros se cobriu.

Os falsos boatos e as calumnias contra elle levantados por alguns articulistas da imprensa mineira, mal informados ou mal intencionados, se desvaneceram e cahiram diante da realidade reconhecida pelos visitantes que para aqui se dirigiam; porque contra factos não ha argumentos.

O bocio e o cretinismo em Bello Horizonte não são endemicos; porque para isto seria necessario que atacassem indistinctamente a pessoas de toda classe e condição, o que absolutamente não se dá; seria ainda necessario que houvesse em toda a população, ao menos cinco por cento de infelizes affectados pelo mal, o que tambem não se vê, e muito ao contrario, não chegam a um e meio por cento.

Quem estas despretenciosas linhas escreve pode o dizer *de visu*; porque, em setembro de 1893, 8 ou 10 dias depois que neste logar chegou, julgando de seu dever, e mui conducente

aos fins do ministerio pacifico e ordeiro que vinha exercer, e ainda para se mostrar reconhecido ao povo pelas demonstrações de apreço, de obsequiosidade e de contentamento, com que foi por todos, sem excepção, acolhido, teve de visitar, uma por uma, todas as casas e ainda as choupanas dos habitantes da povoação, e então notou e viu quão futil era a asserção, que dava como endemicos o bocio e o cretinismo neste logar.

Mais tarde, e no correr dos primeiros mezes, obrigado pelas exigencias do ministerio a percorrer e visitar aos habitantes dos arrabaldes da freguezia, ainda mais se convenceu da improcedencia de tal asserção, a qual não era senão vil fructo de paixões politicas com phantasticas visagens de patriotismo.

Ha, não o negamos, alguns cretinos em Bello Horizonte, como tambem ha alguns infelizes affectados pelo bocio; mas não se pode de maneira alguma concluir dahi que sejam males endemicos, visto o numero relativamente pequeno dos casos, como acima deixamos provado.

Que uma ou outra creança, que teve a infelicidade de nascer de paes rachiticos, (por serem parentes proximos e, portanto, filhos de paes entre si aparentados) seja tambem rachitica, assamocada, e que assim vá crescendo, muitas vezes sem os confortos e hygienes necessarios, e ainda sem os recursos que a civilisação fornece em taes casos, como nos centros adiantados, nada depõe contra a salubridade do logar, e sim contra os casamentos de parentes, ou contra a sorte dos progenitores, que, calcados pela mão do infortunio, viam-se na

triste situação de não poderem prover a sua prole do necessario alimento corporal e nem do espiritual.

Quanto ao bocio, diga-se o mesmo, somente accrescentando-se que este, ordinariamente, para não dizer sempre, só affectava ás pessoas dos recantos e dos arrabaldes, e que levavam uma vida miseravelmente admiravel, pela fraca, pessima e insufficiente alimentação, pelo mau abrigo das intemperies e pela absoluta e completa irregularidade de vida, o que, como muito bem diz Spencer, é o mais poderoso elemento de discordia entre a integridade e o defeito do corpo, entre a perfeição e a imperfeição do homem, entre a saude e a doença, entre a vida e a morte.

Demais, qual é a aldeia, ou a cidade, ainda a mais adiantada, que não conte seus cretinos e seus papudos?

Si o que temos exposto não explica satisfactoriamente a origem e a razão de ser do cretinismo, e do bocio, deixemos que nol-as venha dar a sciencia, que sobre este ponto não deu ainda a ultima palavra, e concluamos dizendo ainda uma vez:

O clima de Bello Horizonte é ameno e saudavel; seus mananciaes, de um crystalino supra diaphano, e de um frescor agradabilissimo, mesmo na estação calmosa—são os melhores medicos e as verdadeiras pharmacias.

CAPITULO VIII

Indole e trabalho

Quando o apreciador de um quodro artistico, ou de alguma paizagem poetica, que a natureza caprichosamente nos apresenta, tem de dar conta ao publico de suas apreciações, não deve desprezar nenhuma particularidade, nenhum sombreado, que aquelles objectos, *pro* ou *contra* se proprios manifestem. Assim, nós apreciando imparcialmente o Bello Horizonte sob todas as faces, que se nos possa apresentar, nada perdemos de vista, e nada queremos omittir voluntariamente; e é obedecendo a esses principios que vamos entrar, no presente capitulo, em uma nova phase de apreciações. Façamos justiça ao povo de Bello Horizonte.

Era este um povo franco, hospitaleiro e affavel para com os seus hospedes. Julgava-se feliz, vivendo sem grandezas, mas com independencia; sem riquezas, mas com fartura, geralmente falando-se.

Si havia alguns miseraveis, nos quaes o infortunio, a desgraça ou a doença havia imprimido o seu sinete, não sentiam, comtudo, toda a intensidade de seus males, porque eram generosamente aliviados por mãos caridosas e bemfazejas.

Era (digo era, porque hoje a população se baralhou com a onda do povo recemchegado para os serviços da nova capital, como uma gotta de vinho se confunde no oceano, ou se dispersou para os arrabaldes da freguezia); era um povo laborioso e trabalhador.

Nos dias de semana, de segunda feira a sabbado, as ruas aqui estavam desertas e ermas, e as proprias casas pareciam deshabiiadas; porque os homens estavam entregues ás afanosas lidas da lavoura, ou de modestas industrias etc.; e as mulheres, umas se entregavam aos trabalhos domesticos, no centro do lar; outras, ja affeitas aos rudes labores roceiros, acompanhavam a seus maridos, pais ou irmãos, para os duros serviços da lavoura.

Aos domingos, porém, era outro o aspecto do arraial, que, como por encanto, se transformava em uma verdadeira feira local—alegre e animado que era!

Cessavam completamente os trabalhos, e todos eram alegres e contentes no doce conchego de suas familias; mas era ao mesmo tempo o dia de maior commercio no logar, pela vinda e reunião dos lavradores e fazendeiros dos arrabaldes da freguezia á assistencia da missa conventual.

As transacções de compras, vendas e trocas, eram ordinariamente feitas, nesse dia, em maior escala:—aqui era um compadre que offerecia a seu compadre, para comprar para carro, uma boiada de *pegar p'ra sahir* (como diziam); de uma bonita novilha que elles diziam uma *teteia*; alli era outro que querendo passar a seu compadre, ou a seu primo, um bonito

poldro andador, ou um macho picador, davam tantas partes a esses animaes, que só faltavam dizer que os mesmos falavam tambem, ou andavam nas nuvens; acolá eram outros contractando troca de milho por café, de café por feijão etc., ou fazendo outras transacções; todos, emfim, compravam vendiam ou trocavam: os do arraial, para aproveitarem a vinda e a influencia dos de fóra; e estes, para evitarem frequentes vindas á povoação durante a semana, o que só em ultimo caso o faziam.

Assim passavam-se, aqui, invariavelmente os domingos, quando o não impediam chuvas torrenciaes, ou impertinente e rigoroso inverno, que de tudo e a todos tira a poesia.

Ao cahir da tardinha, porem, quando o sol, banhando de luzes apenas os pincaros dos montes, e tingindo de purpurinas cores as douradas nuvens do occidente, indicava terminado o seu curso; e os passarinhos, em saudosos gorgeios, despediam-se do dia, que se ia finando, e procuravam nos vergeis os seus ninhos; tambem os lavradores e fazendeiros iam se dispersando, e tomando cada um rumo de casa; e o arraial cahindo de novo em seu habitual silencio e quietitude.

A' noite, era ja completo e profundo o silencio, que, uma ou outra vez, era levemente interrompido pelos ternos e saudosos sons de alguma flauta, e pelas notas poeticas d'algum violão, acompanhando chorosas modinhas, cantadas ao luar por algum filho da terra.

E a população dormia tranquilla o doce somno das almas

simples e ingenuas, que têm a consciencia em paz, erma de remorsos que atormentam as almas venaes; e fortaleciam assim o lassos membros que deviam entrar de novo, no dia seguinte, em laboriosa actividade.

CAPITULO IX

Producções e exportações

Quando Diogenes, embalado por sua misanthropia philosophica, fugia do convivio dos homens, para ir habitar na solidão, acoutado no concavo de uma barrica, enganava-se; porque nenhum homem, por mais sabio, poderoso e rico que seja, pode dispensar completamente o concurso de seus similhantes para os differentes misteres da vida. Os pequenos precisam dos grandes; mas tambem estes precisam daquelles, porque sem elles, fardo pesado lhes seria a vida. O pobre e o operario precisam do lord e do opulento; mas estes muito mais necessitam do concurso daquelles.

O que se diz dos homens, diz-se tambem das cidades e das nações; todas têm necessidade do concurso umas das outras.

E' assim que Bello Horizonte, pequeno e humilde, comtudo abastecia diversas praças commerciaes, mais importantes que a sua, com seus pequenos productos.

Suas principaes fontes de renda eram:—o cortume, donde sahiam excellentes solas para sapateiros e selleiros, e que eram exportadas para diversas partes do Estado; a farinha de mandioca, a aguardente de canna, rapaduras, milho, fubá,

carne secca, frangos e ovos, com que abasteciam as viziuhas freguezias de Congonhas de Sabará (hoje Villa Nova Lima) e a de Sabará, além de outras.

Tambem exportavam ja alguma ferragem, forjada em uma simples e modesta fabrica, pertencente a uma sociedade.

As fructas, que eram em grande quantidade, saborosissimas, e que podiam, em qualquer outro logar, ser de grande e lucrosa renda, neste, pouco lucro davam; porque diziam os proprietarios de pomares não convir empregar, em as colher e conduzir para fora, o tempo que com mais vantagem podia em outros negocios se empregar. Plantavam-n-as por mero gosto de as ter, (e com pequeno trabalho; porque a fertilidade da terra dispensava muito cuidado) e paravendel-as a quem as viesse procurar á porta.

Comtudo, o viandante, ás vezes, encontrava na estrada que dá para Sabará ou Villa Nova de Lima, grimpando a escabrosa serra, alguns cargueiros de diversas fructas, como laranjas, bananas, ananaz, pecego, etc. E si elle se aventurasse a interceptar o passo ao almocreve para comprar alguns dourados pomos, com que se refrescasse e se divertisse na viagem, não precisava empregar mais que um tostão para tel-os em quantidade tal que o encommodasse no trajecto: si fosse de laranjas teria umas 30; si de ananaz, uns tres pelo menos; si de pecego, umas tres duzias; si de bananas, meio cacho, talvez.

E não era isso em data mui remota; e entretante hoje com um tostão não se compra mais de duas laranjas das que com elle, naquelle tempo, se alcançavam trinta!

Tempora mutantur... et homines cum illis!

Ainda em 1890 comprava-se aqui uma duzia de ovos por duzentos reis, e hoje custa 1$200; uma garrafa de leite por 120 rs., e hoje, por 500 rs.; um kil. de boa carne por 320 rs., e hoje, por 1$200.

Para se conservar um cavallo de cocheira não se despendia mais de 10$000 por mez, e hoje não se o conserva por menos 70$000.

Podiam-se deixar, sem perigo, abertas as portas das egrejas e das casas particulares; e hoje ainda bem fechadas e aferrolhadas correm risco de arrombamento.

Entretanto, salvando-se raras excepções, pensamos que ninguem trocaria o reboliço, agitação e carestia de hoje pelo remanço, tranquillidade e barateza de outr'ora!

E' que os homens são naturalmente amantes do progresso, e a elle propensos; e todos vêem que dessa ebulição, desse *fervet opus*, que hoje põe em revira-voltas o velho Curral d'El-Rei, e novo Bello Horizonte, ha de em breve espadanar, como por encanto, a novissima e brilhante Minas, com suas bellezas, com seus attractivos e com suas riquezas.

Comtudo, ha de sempre acompanhar aos antigos habitantes do Curral d'El-Rei, ou Bello Horizonte, eterna e saudosa lembrança de seu simples e modesto, mas pittoresco e poetico arraial, tão rapidamente metamorphoseado em primeira cidade do Estado.

Quando virem os sitios, theatros de suas travessuras de infancia, e logares, onde outr'ora tiveram suas chacaras, seus

pomares, suas casas, suas fontes etc., transformadas em avenidas e ruas, ou occupados por novos edificios publicos ou particulares; quando virem os pontos que foram de alguma capella ou de outro logar sagrado, demudados em predios ou em praças; quando tudo isso examinarem e, lançando um olhar retrospectivo, phantasiarem na sua mente a antiga povoação tal qual então era, sem duvida que deixarão sahir de entre as dobras de um coração ingenuo um profundo suspiro que se traduz—saudades do Curral d'El-Rei! saudades de Bello Horizonte!

CAPITULO X

Instrucção

Nem sempre ao ousado e inexperiente viajor, que se abalança a longinqua e arriscada viagem, deleitam a vista viridantes e floridas campinas, em que, aos bandos, gorgeiam e trinam alegres as passarinhos, saltitando de ramo em ramo, de flôr em flôr, ostentando garbosos, aos raios de um sol tropical, as vistosas e cambiantes côres de sua linda plumagem;—ás vezes encontra tambem aridos desertos, infindos taboleiros de areia, fragosas e alcantiladas serras, e emaranhado cipoal, que só causam enfado, cansaço e completo máu-estar. Assim nós, no decurso desta peregrinação litteraria, hemos, não raro de supportar o enfado e o tedio de alguns trechos do caminho com nossos companheiros de jornada, que são os nossos leitores, devido isso, sem duvida, á nossa inexperiencia em viagens desta ordem.

Mas aguardemos esperançosos e pacientes o termo de nosso jornadear que não deve estar muito longe, e vamos vêr no presente capitulo a instrucção que assistia ao povo do Curral d'El-Rei.

A instrucção deste povo não logrou nunca exceder

da primaria, e essa mesma não era completa e satisfactoria; ja porque muitas vezes os paes negligenciavam em mandar a tempo seus filhos para as escolas, ou dellas os tiravam antes de terem concluido o curso, para empregarem-n-os em trabalhos da lavoura; ja porque os proprios professores, talvez, não desempenhassem bem a sua profissão, por impericia ou desleixo.

De 1820 a 1860, só uma quarta parte da população sabia ler e escrever, excluindo-se deste numero os escravos das fazendas, aos quaes nenhuma instrucção ordinariamente se dava. De 1860 a 1880, foi-se, pouco a pouco, mudando a sorte dos habitantes, apparecendo melhor, (ou mais diligente) professorado, e, nos paes, desenvolvendo-se mais interesse pela aprendizagem de seus filhos. De 1880 a 1893, ja metade da população não era analphabeta, mormente a do centro do arraial, que tinha mais á mão os meios de se instruir, o que não acontecia com os de paragens mais distantes.

Os politicos deste logar, que eram tão exaltados em suas ideias, e tão calorosos e sagazes em occasiões de angariar votos para eleições, não se lembravam, entretanto, de promover creação de escolas em varios bairros da povoação, onde os pobres roceiros morriam á mingua de recursos dos principios elementares da instrucção, como no Bom Successo, na Ressaca e na Pampulha, onde havia numero sufficiente de alumnos (contados os das circumvizinhanças daquelles nucleos) para escolas mixtas.

Hoje (seja dicto de passagem) que as vistas do governo

estadoal se convergem tão solicitamente para este logar, como para o centro de toda a actividade do Estado, que em breve ha de ser, essa falta será por certo reparada, e, a tempo, remediado o mal.

Foi creada aqui, em data mui remota, uma cadeira mixta de instrucção primaria; algum tempo depois, outra para o sexo masculino, passando a primeira para o sexo feminino; e mais tarde, uma outra para o sexo feminino—ao todo, tres, que são as unicas que ainda hoje existem no logar.

E'-nos forçoso confessar que os encarregados da fiscalisação, não morriam de zelo e de cuidado no cumprimento de seus deveres para com as escolas deste logar.

Eram estas destituidas de todos os utensilios escolares, e até de livros que o governo devia fornecer. Diante desses dados, não sabemos quem era mais culpado do abandono em que se achava a instrucção primaria no Curral d'El-Rei—si o governo, si seus inspectores escolares, si os professores, ou si os paes dos meninos.

Hoje o professorado é mais diligente e consciencioso no cumprimento de seus deveres, ainda mesmo não existindo inspector districtal, ha mais de um anno.

Os alumnos não eram, em geral, insubordinados; pelo contrario, eram diligentes, timidos, doceis e respeitadores.

Algumas outras particularidades, que aqui não iriam mal, deixamos para quando tratarmos das feições particulares ou especiaes dos habitantes, no fim deste escripto com presumpções de *traços historicos*.

CAPITULO XI

Egreja Matriz

Tendo nos capitulos passados tocado ligeiramente no commercio, na industria e na instrucção dos habitantes do Curral d'El-Rei, exige a connexão de ideias que consagremos, no presente e nos seguintes, algumas linhas sobre seus monumentos de religião, e sobre os sentimentos religiosos dos mesmos habitantes.

Si é certo, o que não se discute, que os templos são o thermometro, que regula o grão de fé de um povo, o do Curral tinha bem elevado o grão de sua crença e verdadeiros sentimentos religiosos, recebidos de seus maiores, e cuidadosamente conservados, a julgar-se pelos seus templos e mais monumentos religiosos.

—Espiritos fracos, restos da idade media, dirá alguem; mas, espiritos fracos, respondemos nós, quo gozavam de mais paz e felicidades do que os orgulhosos chamados espiritos fortes da idade moderna e da contemporanea, que, sem paz, sem crenças, sem rumo e sem guia, vivem no torvelinho das perplexidades e das incertezas, como leve palha levada pelo tufão.

Possue a freguezia uma solida e espaçosa matriz, que admira a todos os visitantes, que, como ja o temos muitas vezes ouvido, dizem que não esperavam encontrar em logar tão central e humilde, um monumento dessa ordem, podendo o mesmo competir com qualquer matriz de muitas cidades populosas e adeantadas deste e de outros Estados.

Mede essa matriz 36m,60 de comprimento sobre 15m,60 de largura, e 18m de altura, da base ao vertice da torre; o corpo principal e a nave são de pedra, e, pequena parte, de tijollo crú: tem duas sacristias e duas torres; estas ultimas são de madeira, e não estão em proporção com o resto da egreja, medindo apenas, cada uma, 4m,20 de pés direitos, assentados sobre o corpo do edificio, o que o faz perder exteriormente sua elegancia. Interiormente, porem, onde a vista não encontra aquellas destoações, muito tem-se que admirar: o todo da architectura, os singelos mas primorosos lavores dos altares, o fresco dourado dos mesmos, que, embora antigos, tem ares de novo, o firme e vivo das côres das pinturas do tecto, o ligeiro e feliz sombreado das mesmas, tudo provoca-nos a esta exclamação: «Como é bem trabalhada! como está conservada! Não se deve demolir esta egreja!»

E' verdade que nella se não vê o donaire architectonico do classico e moderno estylo, nem rendilhados e nem agulhas apontando o céo; mas é um monumento da architectura antiga, que se deve com vantagem conservar para estudos comparativos em futuros tempos.

Tem essa matriz 5 altares, consagrados, o primeiro, ou o

altar mór, á Padroeira, sob a invocação de *Senhora da Boa Viagem;* os outros quatro lateraes estão sob diversas invocações de seus respectivos oragos.

Em duas portinholas ao pé do altar mór, e que dão entrada para subir-se ao throno, lê-se a data de 1788; e em uma das sacristias, na do lado do evangelho, lê-se a de 1793.

Daqui se vê que as sacristias só cinco annos mais tarde foram concluidas.

A julgar-se d'ahi, e mais ainda, attendendo-se á lentidão e morosidade de taes obras, naquelles tempos, em que as sciencias e as artes não tinham ainda voado tão alto, como hoje que temos meios de construir, em poucos mezes, monumentos que outr'ora demandavam annos, pode-se affirmar que a matriz de Curral d'El-Rei fôra começada pelos annos de 1755 a 1765.

Os ornamentos e alfaias dessa matriz, quando para aqui chegamos, não eram dignos de apparecer (é mister que se o diga) pelo cunho de antiguidade e pelo estrago produzido pelo continuo visitar das traças roedoras. O movel metalico é regular, si bem que não sufficiente:—consta de tres calices, um de ouro, outro de prata dourada, e outro de prata, dourada só no interior da taça; duas banquetas de prata, jarro e bacia de prata, thuribulo com naveta, uma caldeirinha, tres cruzes, uma lampada, um vaso, uma corôa grande com sceptro, uma taça, uma salva grande, uma menor, tudo de prata; duas ambulas, uma custodia de prata dourada, e outros pequenos objectos de menor valor, de prata ou de metal prateado.

CAPITULO XII

Patrimonio da Matriz

A matriz do Curral d'El-Rei e o seu patrimonio—eis uma questão intrincada e difficil, sobre a qual timidamente nos abalançamos a dizer aqui duas palavras, para maior integridade de nossos «Traços Historicos».

Difficil e intrincada questão dizemos; porque, si nos perguntarem si esta freguezia tem patrimanio, diremos que não; porque, de facto, não o possue; si perguntarem-nos si teve, respondemos que sim, baseando-nos neste principio:—nenhuma freguezia se fundava no Brasil sem um patrimonio, que era ordinariamente constituido em terras; e é este o espirito do direito canonico: ora, foi fundada a freguezia do Curral d'El-Rei, ha mais de cem annos; logo devia ter tido seu patrimonio. Si, porem, esta freguezia tem ainda hoje direito a elle, não o sabemos e nem podemos responder, talé o labirintho em que se envolve esta questão, e a nossa incompeténcia para resolvel-a.

Admittimos e acreditamos que tenha aqui havido patrimonio parochial, e não pequeno; porque ha disso, além da razão e prova ja acima apontadas, alguns vestigios e indicios na curia episcopal desta diocese; mas onde se acha elle, ou

como rehavel-o, é o que até hoje não se logrou descobrir ou consegnir.

O exm. sr. Bispo de Camaco, D. Silverio Gomes Pimenta, auxiliar de nosso digno diocesano, D. Antonio Maria Correia de Sá e Benevides, (*) sempre zeloso na defesa dos direitos da Egreja Mariannense, da qual é dependente a do Curral d'El-Rei, tem envidado todos os esforços possiveis, afim de alcançar a solução da presente questão, sem ter nada conseguido até o presente.

A nós tem feito dirigir diversas cartas, officios e regulamentos no mesmo sentido; mas os nossos aturados esforços não têm sido coroados de feliz exito; porque nada, absolutamente nada conseguimos nesta freguezia, que nos podesse orientar a este respeito.

Não encontramos aqui nem livros, nem outros quaesquer documentos, que menção fizessem do patrimonio da parochia; queremos acreditar que se perderam proposital ou fortuitamente; porque não é admissivel que não os houvesse, tratando-se de cousa de tanta monta.

Esse patrimonio consistiria na grande area em que descança o arraial e seus pequenos arrabaldes, a qual, retalhada por propriedades de particulares, que nella tinham seus predios e suas herdades, hoje pertense ao Estado, que tudo desapropriou para a execução dos serviços da nova capital.

Todos os proprietarios, por occasião das desapropriações de que acabamos de falar, apresentaram seus titulos, que

(*) Hoje eleito bispo diocesano por morte de D. Benevides.

foram reconhecidos legitimos. Quaes seriam os fraudulentos que passaram titulos falsos? em que transmissão estaria o vicio?—Eis o que não se alcança.

Os ultimos possuidores estavam de boa fé, e desfructando de suas propriedades pacifica e tranquillamente tempo requerido pelo direito canonico para prescripção de immoveis ecclesiasticos; e não se póde provar até que mãos chegou, de má fé, a posse desses bens.

Não podemos comprehender como um patrimonio tão importante, e que hoje seria de tanta vantagem, podesse confundir-se e perder-se em uma freguézia como esta, que teve sempre parochos, a quem compete o dever de zelar o bem e os interesses da parochia!

Ao que parece, foram os astutos mandões e os regulos dos tempos idos, que, abusando da simplicidade do povo, e da timidez ou desleixo do parocho, com artimanhas e trapaças, lançavam mãos sacrilegas no que á egreja pertencia, e dahi iam-se succedendo as transmissões até os presentes proprietarios, que possuiam verdadeiros titulos justo-presumidos, que em direito, em virtude do lapso de tempo, são valiosos.

Como ficaria hoje bem a egreja de Bello Horizonte, si pudesse reentrar na posse de seu patrimonio, que tão desastradamente perdeu!

Ha, disseminados na vasta area da freguezia, alguns pequenos retalhos de terrenos, que os habitantes chamavam *terras do governo*.

Em vista do que fica exposto, pensamos que o Governo

de Minas, honrado e sensato como se tem sempre mostrado, procederia com toda a justiça e rectidão, si concedesse á matriz desta parechia, alguns lotes urbanos e suburbanos, para nelles se fazerem, futuramente, institutos agricolas e outros estabelecimentos de educação, sob a direcção da competente autoridade ecclesiastica. Fica, portanto, aqui estampado este primeiro appello neste sentido.

Terminando este artigo devemos declarar que não queremos de modo nenhum prejudicar aos interesses da Egreja (si alguma cousa temos dicto que o possa fazer), si em algum tempo a auctoridade diocesana quizer intentar acção para rehabilitar esta freguezia em seu patrimonio.

CÓPIA

CAPITULO XIII

Capellas, Via-crucis, Cruzeiros e ermidas

Alem da matriz, ha tambem, nesta freguezia, uma capella, dedicada á Virgem do Rosario, a qual, si bem que não tenha nada de notavel e artistico, leva vantagem, comtudo, a muitas matrizes de varias outras freguezias de arraiaes que conhecemos.

Mede ella 8m,77 de frente, sobre 30,50 de fundo e 10,13 de alto, sem torres e cercada por um paredão de pedra de 0,35 de espessura, e 1,35 de altura.

Achava-se essa capella, infelizmente, desprovida completamente de alfaias, mesmo das indispensaveis ao culto, sendo-nos necessario, quando tinhamos de alli celebrar, levar da matriz todo paramento, pois só havia, na dicta capella, uma casula ja bem usada, um calix de prata antigo, um missal velho e nada mais.

Havia ainda uma capellinha consagrada a Sant'Anna, que em tempos idos foi muito zelada por um pobre devoto chamado João Evangelista, de quem se contam muitas e devotas façanhas; mas que depois ficou abandonada e ameaçando ruinas.

Dizemos *havia* e não *ha*, porque foi ja demolida pela com-

missão constructora da nova capital, tendo sido antes desapropriada com a devida permissão ecclesiastica, bem como quatro oratorios ou passos, que se prestavam para os misteres das procissões da semana santa, e dos quaes ja foi um demolido.

Merece tambem aqui ser mencionada uma *via crucis* campal, abrangendo uma area de 1600 metros quadrados, cercada com muro de taipa e resguardando quatorze cruzes, onde os fieis, em romaria, commemoravam piedosamente, nas quaresmas, os padecimentos do Homem-Deus pela salvação do genero humano.

Foi essa *via sacra* erigida pelo afamado missionario Fr. Francisco de Coriolano, ha 40 annos, mais ou menos.

Levantado ao mesmo tempo que a *via cracis*, e pelo mesmo religioso ja mencionado, existia, no pico do Taquaril, um enorme cruzeiro, do qual só ha hoje fragmentos, destruido pela faisca electrica.

Finalmente, como sentinella devota e immovel, que velava pela paz e tranquillidade da população, erguia-se, no alto de pequena collina, que, ao sul, domina ao planalto do arraial, outro cruzeiro elegante e bello, e que ja foi tambem arrancado, a exigencias do desaterro a que hoje se procede no dicto logar, para a construcção da nova matriz da nova capital. (*)

Nenhum outro monumento religioso encontra-se mais na povoação. Fora della ha alguns outros cruzeiros: um na Res-

(*) Ficou ultimamente resolvido levantar-se a nova matriz em outro local ainda não determinado.

saca, um no Pastinho, um no Bom Successo, e outro no Calafate.

Na Ressaca, ou Nova Floresta, ha uma pequena ermida na fazenda do sr. Joaquim Ferreira da Luz, onde os fieis das circumvizinhanças se reunem todos os annos (de 3 annos a esta parte) para as desobrigas quaresmaes, no que muito a gosto leva o sr. Ferreira, proprietario da fazenda, pois nessa occasião tambem desobriga-se juntamente com sua família.

Nas mesmas condições existe uma outra ermida ultimamente feita e ornada com os indispensaveis paramentos, pelo sr. Candido Lucio da Silveira, em sua fazenda.

No logar denominado—João Carlos—distante desta povoação tres kilomentros, vimos, não ha muito, restos de denegridos alicerces de pedra de uma, outr'ora, bonita capella, contigua á habitanda do proprietario de que tomou o nome o logar, e que tambem está destruida e arrazada.

Nota-se, porém, a alguns passos da referida capella, uma cruz de braüna, que traz a data de 1778!

O tempo, lima surda, que tudo destroe e estraga, em sua carreira de mais de um seculo, não poude ainda completar sua acção destruidora naquella madeira-ferro, que, em forma de modesta cruz, está ainda firme a attestar á geração presente a fé e religiosidade da geração passada; e, como que convidando a quem se acerta de passar por aquellas paragens ermas e decadentes a proferir estas palavras—*Ave, crux, spes unica!*

CAPITULO XIV

Festas

Houve, nesta freguezia, até pouco tempo, duas irmandades: a do SS. Sacramento e a do Rosario, ambas desapparecidas hoje completamente, pela retirada e dispersão do povo de que as mesmas se compunham, para pontos diversos e distantes da povoação.

As festas principaes da freguezia eram:—a da Padroeira, a 15 de agosto; a do Divino, a de Santa Efigenia, a de S. Sebastião, a de Santo Antonio, a do Reinado do Rosario, e as solemnidades da Semana Santa. Esta ultima, em remotos tempos, parece ter aqui sido feita com mais perfeição do que o tem sido ultimamente, a julgar-se pelos quadros, paineis, candelabros (tudo antigo e estragado), e mais objectos e instrumentos proprios dos officios da paixão, que ainda existem na matriz.

As solemnidades da 5.ª feira santa corriam por conta da irmandade do Sacramento, que celebrava então, nesse dia, o seu *chamado* jubilêu.

O Reinado fazia-se regularmente na primeira domainga de

saca, um no Pastinho, um no Bom Successo, e outro no Calafate.

Na Ressaca, ou Nova Floresta, ha uma pequena ermida na fazenda do sr. Joaquim Ferreira da Luz, onde os fieis das circumvizinhanças se reunem todos os annos (de 3 annos a esta parte) para as desobrigas quaresmaes, no que muito a gosto leva o sr. Ferreira, proprietario da fazenda, pois nessa occasião tambem desobriga-se juntamente com sua família.

Nas mesmas condições existe uma outra ermida ultimamente feita e ornada com os indispensaveis paramentos, pelo sr. Candido Lucio da Silveira, em sua fazenda.

No logar denominado—João Carlos—distante desta povoação tres kilomentros, vimos, não ha muito, restos de denegridos alicerces de pedra de uma, outr'ora, bonita capella, contigua á habitanda do proprietario de que tomou o nome o logar, e que tambem está destruida e arrazada.

Nota-se, porém, a alguns passos da referida capella, uma cruz de braúna, que traz a data de 1778!

O tempo, lima surda, que tudo destroe e estraga, em sua carreira de mais de um seculo, não poude ainda completar sua acção destruidora naquella madeira-ferro, que, em forma de modesta cruz, está ainda firme a attestar á geração presente a fé e religiosidade da geração passada; e, como que convidando a quem se acerta de passar por aquellas paragens ermas e decadentes a proferir estas palavras—*Ave, crux, spes unica!*

CAPITULO XIV

Festas

Houve, nesta freguezia, até pouco tempo, duas irmandades: a do SS. Sacramento e a do Rosario, ambas desapparecidas hoje completamente, pela retirada e dispersão do povo de que as mesmas se compunham, para pontos diversos e distantes da povoação.

As festas principaes da freguezia eram:—a da Padroeira, a 15 de agosto; a do Divino, a de Santa Efigenia, a de S. Sebastião, a de Santo Antonio, a do Reinado do Rosario, e as solemnidades da Semana Santa. Esta ultima, em remotos tempos, parece ter aqui sido feita com mais perfeição do que o tem sido ultimamente, a julgar-se pelos quadros, paineis, candelabros (tudo antigo e estragado), e mais objectos e instrumentos proprios dos officios da paixão, que ainda existem na matriz.

As solemnidades da 5.ª feira santa corriam por conta da irmandade do Sacramento, que celebrava então, nesse dia, o seu *chamado* jubilêu.

O Reinado fazia-se regularmente na primeira dominga de

outubro, dia este de grande gala para os pretos, por ser o de sua festa predilecta.

Nesse dia ostentavam-se pelas ruas garbosos, e alegremente dançando ao som cadencioso de seus tambores, de seus adufes e de suas sambucas, produzindo fortes e vibrantes pandorgas—tudo em honra e louvor da *Senhora do Rosario*, como diziam elles.

Na capella resava-se ou cantava-se a missa; e á tarde, a ceremonia da deposição dos reis velhos com seu estado maior, e a eleição dos novos, que deveriam exercer no anno futuro, etc., etc..

As festas de S. Sebastião e de Santo Antonio nem sempre se faziam, e ás vezes eram feitas com alguma irregularidade de tempo. As do Divino e de S. Efigenia eram feitas em tempo proprio; ultimamente, porem, por força das circumstancias, que difficultavam frequentes vindas de musica e de padres, passaram a celebrar-se unidas á da Padroeira, que sempre se fez no dia 15 de agosto.

Era esta ultima a principal da freguezia: mais concorrida, mais solemne e mais poetica; tão poetica e solemne que os quatorze primeiros dias de agosto de cada anno, eram como que o preludio e introducção do dia 15,—eram uma festa continua.

Quem acertasse de visitar Curral d'El-Rei em principios do mez de agosto, certo que ficaria agradavelmente impressionado pelo tom festivo, affavel e alegre de seus habitantes, com os preparativos para sua patriarchal solemnidade.

Aqui, um grupo de rapazes folgazãos, ao cahir da tardinha, reunem-se em logar previamente determinado, para se adestrarem nas reviravoltas dançarinas, com que têm de divertir ao publico nas noites das festas.

Ali, um outro grupo, cantarolando ou palestrando, aguardam, em outro ponto, a hora dos ensaios da musica vocal e instrumental, que deve ajudar a solemnisar os festejos.

Acolá, algumas interessantes e modestas meninas e moças, á porfia de melhor afinação, exercitam-se nos canticos sagrados, que devem concorrer para maior attractivo das festas.

Mais além, veremos, em uma das muitas planicies, que aqui a natureza parece ter caprichosamente tapetisado de verdura, alguns cavalleiros, postados *vis-à-vis*, em duas linhas intermediadas por vasta área, que os mesmos, em vertiginoso galope, cortam em diversos sentidos—são ensaios de *cavalhadas* e de tiramento de *argolinhas*.

Mas deixemol-os em seu ensaio, e voltemos a visitar as casas da povoação, e a vêr o que nellas se passa nesse tempo.

Em umas, veremos, logo na primeira sala ou quarto, vistosas peças de panno, fitas, rendas, crochets, canutilho, etc., e algumas moças que alegremente trabalham vistosos factos de variegadas côres, para dançantes e cavalleiros corredores.

Penetrando-se mais no interior, veremos uma certa desordem apparente: gamellas de massas para sequilhos, latas, cestas cheias de ovos, saccas de assucar abertas e por cima das mesas e bancos, panellas de barro vidradas, cheias de verdes e tenras fructas a curtir para deliciosos doces etc., etc.;

outubro, dia este de grande gala para os pretos, por ser o de sua festa predilecta.

Nesse dia ostentavam-se pelas ruas garbosos, e alegremente dançando ao som cadencioso de seus tambores, de seus adufes e de suas sambucas, produzindo fortes e vibrantes pandorgas—tudo em honra e louvor da *Senhora do Rosario*, como diziam elles.

Na capella resava-se ou cantava-se a missa; e á tarde, a ceremonia da deposição dos reis velhos com seu estado maior, e a eleição dos novos, que deveriam exercer no anno futuro, etc., etc..

As festas de S. Sebastião e de Santo Antonio nem sempre se faziam, e ás vezes eram feitas com alguma irregularidade de tempo. As do Divino e de S. Efigenia eram feitas em tempo proprio; ultimamente, porem, por força das circumstancias, que difficultavam frequentes vindas de musica e de padres, passaram a celebrar-se unidas á da Padroeira, que sempre se fez no dia 15 de agosto.

Era esta ultima a principal da freguezia: mais concorrida, mais solemne e mais poetica; tão poetica e solemne que os quatorze primeiros dias de agosto de cada anno, eram como que o preludio e introducção do dia 15,—eram uma festa continua.

Quem acertasse de visitar Curral d'El-Rei em principios do mez de agosto, certo que ficaria agradavelmente impressionado pelo tom festivo, affavel e alegre de seus habitantes, com os preparativos para sua patriarchal solemnidade.

Aqui, um grupo de rapazes folgazãos, ao cahir da tardinha, reunem-se em logar previamente determinado, para se adestrarem nas reviravoltas dançarinas, com que têm de divertir ao publico nas noites das festas.

Ali, um outro grupo, cantarolando ou palestrando, aguardam, em outro ponto, a hora dos ensaios da musica vocal e instrumental, que deve ajudar a solemnisar os festejos.

Acolá, algumas interessantes e modestas meninas e moças, á porfia de melhor afinação, exercitam-se nos canticos sagrados, que devem concorrer para maior attractivo das festas.

Mais além, veremos, em uma das muitas planicies, que aqui a natureza parece ter caprichosamente tapetisado de verdura, alguns cavalleiros, postados *vis-à-vis*, em duas linhas intermediadas por vasta área, que os mesmos, em vertiginoso galope, cortam em diversos sentidos—são ensaios de *cavalhadas* e de tiramento de *argolinhas*.

Mas deixemol-os em seu ensaio, e voltemos a visitar as casas da povoação, e a vêr o que nellas se passa nesse tempo.

Em umas, veremos, logo na primeira sala ou quarto, vistosas peças de panno, fitas, rendas, crochets, canutilho, etc., e algumas moças que alegremente trabalham vistosos factos de variegadas côres, para dançantes e cavalleiros corredores.

Penetrando-se mais no interior, veremos uma certa desordem apparente: gamellas de massas para sequilhos, latas, cestas cheias de ovos, saccas de assucar abertas e por cima das mesas e bancos, panellas de barro vidradas, cheias de verdes e tenras fructas a curtir para deliciosos doces etc., etc.;

—e em todas as pessoas, que se acham occupadas nesses misteres, umas triturando e abrandando as massas, outras enrolando e levando ao forno, notaremos o contentamento e a alegria traduzidos em todos os delineamentos de suas feições, e na alegre entonação de suas vozes.

Todos estão contentes, e preparam-se para receber e obsequiar ás comadres, aos compadres e aos parentes que virão assistir ás festas.

Em outras casas veremos as costureiras esbaforidas com o enorme numero de vestidos, que as mesmas se encumbiram de fazer, e que talvez não poderão dar conta, por terem tambem de fazer para si um bonito vestido novo.

Os alfaiates, os sapateiros, todos, emfim, estão alegres e satisfeitos, pela abundancia de encommendas de factos e calçados.

CAPITULO XV

Festa da Padroeira

Avizinha-se, entretanto, o desejado dia festivo.

De todos os lados ja se ouve, ao longe, o cantar monotono e pezado dos carros, tirados a bois, conduzindo as *traias* (na expressão vulgar) das mudanças provisorias dos fazendeiros para o arraial, durante os dias das festas, e muitas vezes vinham tambem suas familias dentro dos carros, cercados e cobertos de esteira, com o que augmentam-se o movimento no logar e a alegria de todos.

Muitas casas, que durante o anno ficam fechadas, tristes e silenciosas por falta de habitantes, revivem aquelles dias, por sentirem a fumaça em suas chaminés.

As ruas, deixada sua habitual solidão, regorgitam de transeuntes, que vão e vém, cada qual em seu mister: uns cavando a terra e estendendo duas linhas parallelas de estacadas para formar se o passeio dos dançantes; outros cortando ramos e colhendo flores para enfeital-o; aqui preparando, uns, palanques ao pé da linha circumferencial da area preparada para as cavalhadas, ou curro, si houverem de ser feitos naquelle anno; alli outros estendendo fileiras de fogos de artificio, que,

á noite devem ser queimados ao levantamento do mastro: todos, emfim, concorrem de boa vontade para o bom exito de suas festas.

Eis, afinal, chegado o solemne e desejado dia 15 de agosto.

Ao romper da aurora, a população é despertada pelo troar dos foguetes, pelo entrondo das dynamites, pelo alegre e frenetico repicar dos sinos, pelos fortes sons da banda de musica que percorre as ruas, e pelo rufar dos tambores.

A's 11 horas do dia, missa cantada, com muita concurrencia, com muitos fogos, etc.

Depois da missa, era de estylo offerecerem os festeiros á musica e ao povo farta mesa de doce, ou opiparo jantar á tarde.

Das tres para as quatro horas da tarde, de novo os sinos chamavam o povo a outro acto religioso—a procissão. Terminada esta com o competente sermão e *Te-Deum* do estylo, o povo ja ia se preparando para outro genero de festa—contradanças, ou algum modesto espectaculo dramatico, que os mesmos filhos do logar prepararam em um commodo qualquer, provisoria e singelamente transformado em theatro.

Como era, então, feliz este povo em sua simplicidade e ingenuidade christãs! Tudo em torno delle respirava a poesia e os encanto de sorridentes campos, embalsamados pelo perfume das flores, aljofradas de orvalho nas doces manhãs de abril. O principe dos poetas latinos, Virgilio, o amador enthusiasta da vida e ares campezinos, e que não trocava o perfume da briza, nem o borborinho de travesso arroio serpeiando

floridos prados, nem o inculto cantarolar dos pastores, conduzindo e apascentando seus rebanhos, e nem o trinar saudoso dos passaros nas franças verdes e floridas das arvores pelo luxo, pompa e grandezas da côrte de Roma, teria por certo, si então vivera, cantado sublime poemá aos costumes e á vida dos habitantes de Bello Horizonte.

No dia seguinte ao do primeiro da festa, eram interrompidas as solemnidades sacras, para só ser destinado aos divertimentos profanos e dos quaes falaremos ainda no numero seguinte.

CÓPIA

CAPITULO XVI

Festas Profanas

Ha geralmente nas freguezias mais centraes das dioceses de Minas Geraes, bem como em varias outras de diversas dioceses do Brasil, o costume de, para maior solemnidade das festas religiosas, intercalarem-se alguns divertimentos profanos, que nunca deveriam se confundir com aquellas, ainda mesmo quando innocentes, como, ás vezes o são, por exemplo, as *contradanças*, as *cavalhadas*, os *dramas* innoffensivos á moral etc., excepto as *touradas* ou *curro* (para usar da expressão popular) que são e hão de ser sempre reprovadas.

Entretanto, pondo-se á margem este ultimo genero de divertimentos, mau presente a nós pela Hespanha transmittido, os outros não se revestem de grandes inconvenientes, quando feitos em logares, cuja população homogenea é de costumes singelos, puros e, por indole, ordeira.

Apreciemos ligeiramente os tres primeiros desses divertimentos.

A dança, geralmente falando-se, tem sua utilidade hygienica e até, dizem, faz parte da civilisação actual; torna-se, porem, inconveniente e fonte de corrupção de costumes,

pelas circumstancias que de ordinario acompanham-n-a, como quando é feita entre pessoas de differente sexo, e que não primam por sua seriedade, educação e bons costumes.

São, portanto, inconvenientissimos os bailes carnavalescos, e outros promovidos por moços e rapazes pandegos, devassos e viciosos, com o fito unico de expandirem paixões criminosas, manifestarem affectos indignos e immoraes; e as taes danças chamadas *batuques*, onde naufragam muitas donzellas e raparigas incautas, se perdem muitos moços e se desencaminham muitos esposos.

As danças, porém, de que falamos acima, e que se faziam no Curral d'El-Rei, como em outras freguezias, eram simples e innocentes distracções, adrede promovidas pelos festeiros, para entretenimento do povo por occasião de suas festas e nos intervallos das mesmas.

As *cavalhadas*, *per se*, não offerecem inconveniente algum; pelo contrario, proporcionam ao publico deliciosas horas de agradavel recreio, quando são bem preparadas e dirigidas.

O theatro seria uma verdadeira escola de virtudes religiosas e civicas, se não fosse a sua degeneração actual, que o tem convertido geralmente em verdadeira escola de vaidades, de vicios e de immoralidades, que alli são representados com floreios de seductoras côres, que inspiram e alimentam nos espectadores sentimentos voluptuosos.

O theatro hodierno é o mais terrivel sorvedouro, onde se submerge a innocencia da incauta e inexperiente mocidade, que avida de novidades e de distrações, corre aos espectaculos,

ffonde sahe quasi sempre, trazendo incendiado no coração o germen de violentas paixões, que hão de martyrisar e bestificar os dias de sua mocidade, e desgraçar os da velhice.

Ja não queremos falar dos theatros abertamente immoraes ou impios; porque a esses, felizmente, não assistem as familias de honra e nem as pessoas de probidade. São justamente os dramas, que, não sendo claramente immoraes, têm, comtudo, enredos lubricos e voluptuosos, os mais perigosos, porque apanham maior numero de pessoas em suas rêdes.

O povo em geral, ainda não perdeu por completo os instinctos de moralidade e de virtudes, por isso os autores das peças theatraes apresentam uns taes ou quaes vislumbres de religiosidade ou de sinceridade em suas obras, e de envolta dão a pilula dourada e... o effeito é certo. E' assim que fazem todos os que querem fazer o povo tomar a *nuvem* por *venus*, o *gato* pela *lebre*, a mentira pela verdade, o vicio pela virtude.

Mas os theatros que no Bello Horizonte havia, por occasião de suas festas, não tinham nenhum desses inconvenientes; porque só subiam á scena peças escolhidas, simples, moraes e religiosas, que o povo em immenso apreciava, e de que optimos fructos auferia.

Os jesuitas, muitas vezes lançavam mãos de pequenos dramas, bem como da musica, para mais facilmente catechisarem os nossos indigenas, incutindo-lhes no animo odio ao vicio e amor á virtude:—e quanto bem produziu essa engenhosa traça—que o digam as missões do Paraguay e o Brasil inteiro.

CAPITULO XVII

Instrucção Religiosa

Vimos no capitulo antecedente o espirito festeiro do povo deste logar, e o quanto caprichavam para o bom exito de suas multiplas e prolongadas festas; mas, como a religião pura não consiste só nisto, que, muitas vezes, acariciando os sentidos, deixa vasios os corações, onde só echoam, surda e saudosamente, as notas impressionantes dos casquilhos festejos, tratemos agora de ver o espirito religioso que animava a esta população.

Não é cousa facil descrever-se o grau de fé e de religiosidade deste povo, atravez de seus quasi duzentos annos de existencia; porque teve suas phases e seus eclipses. Era fervoroso e instruido, ou tibio e supersticioso, conforme era o zelo ou o desleixo de seus parochos ou pastores espirituaes—*sic populus sic sacerdos*.

Somos dos que sustentam que uma freguezia será aquillo que o seu parocho quizer que ella o seja.

Esta nossa asserção não tem inteira e absoluta applicação quanto aos grandes centros e cidades populosas, onde os multiplos germens de dissolução de costumes neutralisam

parte dos esforços dos sacerdotes, encarregados de seus destinos espirituaes; mas, nas pequenas cidades e nos logares onde não são tantas as vias que conduzem á perdição, applica-se de vez a sentença acima citada—*sic populus sic sacerdos*.

O Curral d'El-Rei estava neste caso.

Para poupar, porem, aos manes dos passados curas desta freguezia, e que hoje dormem tranquillos o eterno somno da morte—*parce sepultis;* para não faltarmos á santa caridade christã para com algum que por ventura ainda exista; e para não elogiarmos a algum outro, digno de todos os louvores, com detrimento e offensa dos que elogios não merecem, abstemo-nos de determinar e especificar epochas de fervor ou de indifferentismo religioso dos habitantes deste logar, nas respectivas regencias de seus parochos.

Talvez alguem aqui se interponha, dizendo que faltamos com isso ao nosso dever e á nossa promessa, que, ao iniciar este escripto, fizemos de imparcialidade e rectidão; mas a isto respondemos que acima de tudo está a caridade; e expondo nós os factos com precisão e justiça, não julgamos de nosso dever descer a individualidades.

O que podemos e devemes dizer, e o que a todos interessa é que a instrucção religiosa dos habitantes do Curral d'El-Rei andava, mais ou menos, parallela com a civil e litteraria; com a differença, porem, de que, aquella, si geralmente não assentava luminosa morada nas mtelligencias, era substituida por um amor firme e por uma dedicação decidida para com a religião catholica, que, em todo o caso, era sempre conhecida

como unica legitima e capaz de fazer a felicidade, ainda mesmo na terra, si é que na terra pode haver felicidade. E é por isso que não tem aqui entrada a objecção com o principio philosophico que diz:—*Ignoti nulla cupido*.

Para se desejar qualquer cousa, não é necessario que se se a conheça analytica e syntheticamente; basta que se apre henda convictamente como boa; ora, esse conhecimento todos podem ter, mormente tratando-se de cousa de maxima transcendencia, como é a religião, cujos conhecimentos summarios se adquirem cada dia pela contemplação da leitura do grande livro da creação, a todos aberto; pela lição quotidiana dos exemplos dos homens e dos factos do mundo; ou, ainda melhor, na doce confabulação do lar domestico, onde a boa mãe de familia, sempre solicita em promover o bem e a felicidade dos filhinhos, aproveita-se de tudo para enraizar em seus corações o amor, o respeito e dedicação para com a santa religião do divino Nazareno, conservada pela Egreja catholica.

E esses meninos vão crescendo e praticando a religião de sua mãe, fazendo-a tambem sua.

E' assim que os habitantes do Curral d'El-Rei eram religiosos e crentes, sem, todavia, poder-se dizer que fossem muito instruidos em materia religiosa.

Quando assim falamos, salvamos sempre as poucas, mas honrosas excepções. Algumas familias aqui havia, que eram o que se podia desejar de zelosas em transmittir a seus filhos e mais domesticos os bellos conhecimentos da sublime sciencia do céo—o cathecismo—; mas eram excepções.

CAPITULO XVIII

Protestantismo reprovado

Parece que tratando-se de sentimentos religiosos dos habitantes do ex-Curral d'El-Rei, vem aqui muito a tempo a exposição de alguns factos de grande alcance e bastante significativos. Queremos falar dos esforços baldados, empregados pelos protestantes para inculcarem sua decadente seita e rachitica doutrina no espirito deste povo, e o modo como o mesmo se houve diante do inimigo audaz. Mas, antes de entrarmos no assumpto, seja-nos permittido um pequeno preambulo.

Com a proclamação da Republica, e com os seus subsequentes decretos de liberdade de culto e outros, que nivelavam todas as religiões e seitas, ainda as mais absurdas, que porventura existissem no Brasil, os protestantes, assim garantidos, rejubilaram, e não tardaram em se pôr a campo, propagando franca e audazmente a doutrina corruptora do rebelde frade de Eisleben, alta Saxonia.

Até então, alimentava-se o protestantismo no Brasil, (ou para falar mais correctamente) vivia o espectro do protestantismo no Brasil, em obscuros antros e se alimentava de incautas presas, que, a traiçoeiros botes, apanhava, sem poder

se apresentar ostensivamente; por isso a aurora do novo regimen, que o libertava da oppressão em que jazia, foi pelo mesmo saudada como o prenuncio de suas conquistas e victorias, mas enganou-se.

Os brasileiros têm recebido o protestantismo com o indifferentismo e desprezo que merece, salvo poucas e miseraveis excepções de brasileiros desnaturados, que, por ignorancia, despeito ou interesse, têm renegado a religião de seus paes e de sua patria, para abraçarem a doutrina de Luthero.

O brasileiro, mas o legitimo brasileiro, que se faz protestante, só o faz, ou levado pelo interesse pecuniario, e assim é um ente miseravel e venal; ou pela ignorancia e seduzido pelos astutos ministros, e neste caso é um pobre digno de compaixão; ou movido por violentas paixões criminosas, e neste caso é um desgraçado, por querer cohonestar os seus crimes e vicios com a capa rota e desmantelada de uma seita hypocrita, que prega tantas estultices, e se diz tão santinha.

Nunca encontraremos um brasileiro sincero e instruido, abraçado ao protestantismo, nunca!

Os paizes da Europa, que em momentos de agitação, de discordia e de terror, abraçaram a doutrina pregada pelo frade apostata, parecem vacillantes nos tempos actuaes, e ja não têm aquelle fanatismo de outr'ora, indo-se-lhes, pouco a pouco, arrefecendo o enthusiasmo nas duras provas dos desenganos.

A Allemanha, berço da seita heretica, hoje mostra-se, na pessoa de seu imperante, tão favoravel aos catholicos, e tão

dedicada ao Pontifice reinante que dá a entender *qualquer cousa*...

A Inglaterra, que pelo grande numero de filhos seus, que por suas virtudes mereceram as honras do altar, foi intitulada na historia—Ilha dos Santos, e depois protestantisada pelo monstro coroado Henrique VIII, pelo scelerado Cranmer, conselheiro e guia de Eduardo VI e pela tyrannia da cruel Isabel, ambos filhos de Henrique VIII, hoje parece que vae, lenta, mas sensivelmente, voltando-se para a religião de seus avoengos, a julgar-se pelas innumeras conversões que ultimamente se têm alli operado.

O Brasil que mui felizmente se acha de posse dessa fé tão pura, e dessa crença tão sublime e consoladora, das quaes andam em procura varios outros paizes, não pode e nem deve retrogradar, desprezando o que outras nacões procuram, e abraçando o que aquellas ja não julgam mais poder supportar.

E, com effeito, a nossa querida patria, não tem desprezado as suas gloriosas tradições, e tem conservado puro e intacto o thesouro de sua fé.

Eis o que molesta e tortura aos protestantes—a firmeza e constancia dos brasileiros em suas crenças. Querem ganhar aqui o que têm perdido e vão perdendo na Europa e na America do Norte; mas não o têm conseguido.

E' assim que por diversas vezes tentaram plantar no seio do povo desta freguezia a arvore damninha de sua retrograda religião sem tirarem o fructo desejado, como vamos agora mostrar.

Não ha muitos annos uns ministros protestantes, vindos da vizinha cidade de Sabará, onde andavam mercadejando biblias truncadas, falsificadas, e verborrhagiando asneiras, penetraram surrateiramente neste logar, para fazerem-n-o deixar o papa por Luthero; mas tão mal succedidos foram dessa vez, que tiveram de abandonar seu projecto e voltar para o seu ponto de partida, vaiados e expulsos pelo povo em massa, que os teria picado como sallada, si não fosse o conselho de pessoas prudentes, que se intervieram. (*)

O mesmo que soffreram os filhos de Luthero neste logar, soffreram tambem, e quasi na mesma occasião, em S. João d'El-Rei, em Villa Nova de Lima, em Cocaes, em Sete Lagoas e em muitos outros logares.

Sempre reprovados os ridiculos protestantes!

E terá razão o povo de assim proceder para com elles?

E' certo que com esse procedimento contrariavam a lei que dá ampla liberdade de cultos; mas raciocinava o povo deste modo:—«Diz a Republica que o povo é soberano; ora, é natural que os soberanos repillam tudo o que lhes não convem: logo, não nos convindo a presença e pregação dos falsificadores de biblias, lançámos mãos do unico recurso que tinhamos —expulsal-os.»

E quem pode com o povo?

(*) Os protestantes maliciosos hoje querem nos accusar dizendo que fomos nós que promovemos o motim contra seus irmãos; mas até nisto se mostram calumniadores, pois não moravamos neste logar naquelle tempo.

Elle é logico e sabe raciocinar.

Por mais de uma vez temos, aqui e em outras partes, sido instrumento de paz, evitando essas sublevações populares; mas para que os srs. protestantes abusam tanto e com tanta ousadia?

CAPITULO XIX

Freguezia sem parocho—Protestantes em scena—Entrada do novo vigario na parochia.

Passados alguns mezes, depois que daqui foram expulsos os pregadores protestantes aquartelados em Sabará, envergonhados e corridos, quizaram tomar desforra da affronta recebida, e de novo tentaram dar neste logar algumas conferencias, o que consegniram. Mas como?

Encontrando o povo um pouco indisciplinado, por ter o parocho abandonado a freguezia , e não encontrando com vida a certo cidadão,homem de *cabellos na venta*, desses que não conhecem timidez,e que foi a alma da sublevação de que falámos, elles os protestantes puderam realisar algumas conferencais, as quaes, si não tiveram grande resultado, não deixaram, comtudo, de fazer algum mal ao logar.Quatro ou cinco infelizes, ignorantes, e operarios tres, declararam-se protestantes, sem ao menos saberem o que era o protestantismo, e só levados pela ideia de poderem comer carne na sexta feira, não precisarem mais de se confessar e nem ouvir missa etc. Esses infelizes foram os primeiros, e quasi que os unicos, que se retiraram

para fora da freguezia, por occasião das desapropriações pela Commissão Constructora da Nova Capital,

Alguns outros não se manifestaram abertamente hereges; mas tornaram-se vacillantes, duvidosos e pedantemente insupportaveis,

Foi essa uma crise terrivel para Bello Horizonte: a freguezia sem pastor; os lobos, rodeando as pobres e timidas ovelhas; a egreja, deserta e isolada; os sinos, mudos e silenciosos; os neopervertidos, insultando e ridicularisando aos bons fieis, que se conservavam firmes e inquebrantaveis em seus principios religiosos catholicos!

Eis a crise medonha que atravessou esta freguezia de 1892 a 1893,

O nome do Bello Horizonte esteve então defamado, e a freguezia desmoralisada em quasi todos os cantos da diocese. Foi nessa occasião que nós, sahidos de pouco dos bancos do Seminario, penalisado por vermos uma freguezia tão vizinha nossa em tão imminente perigo; sem attendermos á exiguidade de nossas forças, e só levado pelo zelo de que nos achavamos inflamados, resolvemos a impetrar da auctoridade diocesana jurisdicção, para, de nossa pacifica e tranquilla residencia, virmos algumas vezes por mez a esta freguezia prestar-lhe nossos soccorros espirituaes e atalhar o mal em começo e ja tão adiantado.

Entretanto, emquanto assim andavamos com o espirito preoccupado com essa ideia, tendo-nos encontrado com o exm. mons. conego Julio de Paula Dias Bicalho, digno secretario do

bispado, e lhe exposto nosso plano, elle não só animou-nos, admirando o nosso arrojo (como elle dizia), e mandando vir de Marianna a jurisdicção de que precisavamos, mas a é tomou a resolução de interromper sua viagem e chegar a esta freguezia para dar combate ao inimigo, arrancando e neutralisando as sementes más aqui lançadas pelos filhos de Luthero.

Com effeito, em principios de junho de 1893, aqui chegou mons. Julio acompanhado pelo conego Antonio Caetano (hoje fallecido); e um dia depois, aqui tambem entravamos, para juntamente com elles trabalharmos na santa cruzada que iamos emprehender.

O estado da freguezia era desanimador, si bem que não tanto quanto se dizia por fora, pois o veneno ainda não tinha percorrido todas as veias de seu organismo social.

O trabalho que tivemos de sustentar foi penosissimo e collossal, mas compensado por brilhante victoria que alcançámos, deixando a freguezia, quando della nos retiramos, em perfeita harmonia e bem-estar moral, graças aos esforços, zelo e virtudes do exm. mons. Julio e do rvdm. con. Antonio Caetano, com os quaes trabalhamos á medida de nossas forças, como encarregado interino da freguezia.

Foi nessa occasião que o povo deste logar, representado por uma commissão das pessoas mais gradas e distinctas, foi-se ter comnosco, na casa onde nos achavamos hospedado, para solicitar de nós o compromisso de acceitarmos definitivamente o pesado cargo de parocho da freguezia. A principio nos recusamos a acceitar a proposta, pois nos achavamos tão

bem la em nosso ninho natal! mas tanta era realmente a necessidade de um vigario á testa desta freguezia, para não deixar perder-se a obra que acabavamos de fazer, que não pudemos resistir e empenhamos nossa palavra de, em breve tempo, entrarmos em Bello Horizonte como parocho da freguezia.

Esta nossa resolução foi por todos acolhida com phreneticos applausos, e com geraes demonstrações de alegria. Milhares de difficuldades se nos oppuzeram á realisação de nosso intento, entre as quaes, a opposição que fez o bom e sempre lembrado povo de nossa querida patria, Villa Nova de Lima, o qual enviou ao exm. bispo diocesano uma representação assignada por mais de mil pessoas, pedindo nossa permanencia naquelle logar; mas tudo foi baldado—a nossa resolução, parece, fôra a expressão da vontade de Deus.

O exm. bispo diocesano, respondendo ao povo, que pedia a nossa permanencia em Villa Nova, escreveu, entre outras cousas honrosas ao povo villa-novense, o seguinte: «Muito nos enterneceu e alegrou o procedimento do povo desse logar para com o seu novo levita, o padre F. M. Dias, que assim fica tendo mais essa prova de seu bello e correcto... (etc.), e pedimos a Deus que elle na sua nova freguezia seja acolhido e tratado com a mesma dedicação e estima que agora acaba de manifestar-lhe o povo de Villa Nova.»

Poucos dias iam, depois disso, decorridos, e nós entravamos em Bello Horizonte a 7 de setembro de 1893, acompanhado de cem cavalleiros, que nos foram encontrar, de nosso

bom e prezado amigo padre J. de Deus Macario, digno vigario de Villa Nova, de nosso dedicado e bom mano Ozorio M. Dias e de alguns outros amigos do mesmo logar, que vieram ainda uma vez dar-nos prova de sua inolvidavel dedicação.

Uma afinada banda de musica, postada á entrada do arraial, apenas nos avistou, rompeu o magestoso e electrisante hymno nacional, e nos acompanhou com o povo até nossa residencia, ao estrugir de centenas de foguetes.

As ruas por onde passavamos estavam apinhadas de povo, como em um dia de festa, e enfeitadas de ramagens naturaes, de flores e de vistosos arcos, nos quaes innocentes meninas vestidas de virgem nos esperavam com flores, que sobre nós atiravam graciosamente. E nós iamos confuso e humilhado, por sermos o objecto indigno de tantas honras e dedicação, e por sentirmos ja o peso da grande responsabilidade que tomavamos; mas ao mesmo tempo alegre e commovido até ás lagrimas, por vermos a religião de que somos indigno ministro, assim honrada e exaltada em nossa pessoa.

CAPITULO XX

Questão da mudança da capital

Havia ja muito tempo que o povo do Curral d'El-Rei affagava a ideia e alimentava a esperança de ser o seu pequeno torrão o escolhido para a séde do governo estadoal, desde que a ideia de mudar-se a capital, de Ouro Preto, para outro local mais proprio, ia tomando proporções e ganhando terreno na opinião publica.

No tempo, porem, em que aqui chegámos, o enthusiasmo pela mudança tinha tocado a seu auge, e ja nas rodas confabulantes não se dizia mais—si a capital vier—, mas sim—quando a capital vier—: tal era a certeza que todos tinham. E não era desarrazoado o povo em assim pensar; pois, ja tendo sido o logar estudado, e minuciosamente examinado por duas commissões successivas, compostas de aptos e respeitaveis profissionaes, que tambem fizeram o mesmo estudo dos outros logares, que se apresentaram na arena da discussão, disputando a palma, como Paraúna, Varzea, Juiz de Fora e Barbacena, era de se esperar a victoria de Bello Horizonte sobre esses ultimos, visto a superioridade do rèsultado do seu relatorio apresentado pela commissão ao Governo, sobre o

daquelles outros logares. E o Governo era bastante honesto e criterioso para não se deixar levar por outros motivos que não fossem os inspirados pelo patriotismo e interesse geral na escolha entre os locaes indicados.

Como, porem, a politica interesseira mette o bedelho em tudo, e o dinheiro é muitas vezes o pelourinho, onde se sacrificam a verdade e as conveniencias geraes, o Bello Horizonte, que não tinha nem uma e nem outra cousa, tendo ja derrotado tres dos logares aspirantes, e achando-se enfrentado com a Varzea do Marçal, que por si tinha padrinhos pela via da politica e do dinheiro, corria serio risco de ser por este ultimo preterido e vencido; e por isto, o povo, que, *pari passu*, acompanhou todas as feições da intrincada questão, o quanto lhe era permittido, sentiu-se bastantemente desalentado nos ultimos mezes de 1893, quando o congresso discutia fortemente a questão, em Barbacena, onde se reuniu em sessão extraordinaria para a sua decisão.

Paraúna não resistiu a primeira analyse e saltou logo fora da discussão, por ser, como diz o hygienista da commissão, carregado de multiplas especies nosologicas, que prejudicariam muito á formação de uma cidade como a que se desejava para a capital de Minas.

Juiz de Fora é a cidade conquistada aos pantanos do Parahybuna, onde o paludismo reina sem contraste.

Barbacena não tem proporções e nem agua sufficiente, para cuja acquisição seria necessaria fabulosa somma.

A Varzea do Marçal é um vasto paúl com um lençol d'agua

a um metro de profundidade, e de mais a mais, alagado pelas enchentes dos rios que o circumdam.

S; Bello Horizonte, que, tendo magnificos e abundantes mananciaes, um excellente e invejavel clima, soberbo e espaçoso terreno para uma cidade vasta, e para pequenas lavouras, estava nas condições desejadas e exigidas na Constituição. A endemia do bocio e cretinismo, que se lhe emprestaram, tendo logo sido reconhecida infundada (como hoje está comprovado sel-o) naufragou na opinião do publico sensato, e este logar, sobrenadando a todos os outros, estava como que attrahindo para si a honra de ser a nova capital do Estado.

Comtudo, luctou elle até a ultima hora com seu terrivel adversario, a Varzea, tutelada pela politica e pelo dinheiro, alcançando, afinal, o velhinho Curral d'El-Rei, no ultimo instante da peleja, completa e brilhante victoria, aos 13 de dezembro de 1893, pela patriotica maioria do congresso mineiro, reunido na cidade de Barbacena, e que não se deixou illudir pela mesquinha politica interesseira, e nem se intimidar pelas ameaças dos contrarios.

Abstemo-nos de fazer aqui nossa apreciação sobre quem mais trabalhou a favor da mudança da capital, ou quem foi a alma de todo o movimento mudantista, não só porque julgamos desnecessario a nosso proposito, mas tambem porque sabemos que de uma habil e festejada penna tem de sahir, mais tarde, uma obra completa a esse respeito, por isso libertem-nos nossos leitores desse onus, e passemos além.

CAPITULO XXI

Noticia da mudança—Manifestações populares

Com a rapidez do relampago, e nas azas da electricidade, se fez logo conhecida por toda parte a decisão do congresso, favoravel a Bello Horizonte.

Na mesma noite de 13 de dezembro, um grupo, de enthusiastas pela mudança da capital para este logar, partiu de Sabará, em tom festivo, para aqui congratular-se com os habitantes, com quem passou o resto da noite em discursos e vivas, pronunciados delirantemente sob a influencia de sons musicaes e continuo espoucar de foguetes.

Na madrugada do dia 14 retiraram-se para seu ponto de partida os manifestantes sabarenses, deixando os bellohorizontinos, uns, que eram a maioria, loucos de alegria, por verem realisados os seus anhelos, e por presentirem ja a aurora, que, supunham, vinha trazer-lhes todas as felicidades imaginaveis; outros, vacillantes e temerosos, por não poderem ainda medir o alcance e as consequencias de um facto tão extraordinario; e outros, emfim, (e esses eram insignificante minoria) indifferentes.

Oito dias passou o povo de Bello Horizonte em festas. Durante o dia ouviam-se continuamente estrondos de dynamites e troar de foguetes; de noite, eram as passeatas pelas ruas, onde os phreneticos vivas se casavam com os harmoniosos acordes orpheníeos, e estes, com o continuo crepitar produzido pela arte pyrotechnica, resultando deste conjunto de notas discordes um harmonioso hymno, cuja nota dominante era:— rigozijo, expansão, alegria pela decisão da mudança da capital.

Assim decorreram aqui os dias, de 13 a 20 de dezembro de 1893.

Logo que tivemos certeza da brilhante, patriotica e estrondosa decisão do congresso favoravel a Bello Horizonte, apressamo-nos em convidar o povo da freguezia para celebrarmos, na matriz, um triduo solemne em honra da sacra familia, Jesus, Maria, José, para d'Elles alcançarmos protecção e benção sobre o proximo movimento de construcção da nova cidade, capital do Estado. Essa nossa lembrança foi calorosamente applaudida; e nos dias 23, 24 e 25 de dezembro do mesmo anno de 1893, a matriz regorgitava de fieis, que de todos os angulos da freguezia affluiam pressurosos a assistir as referidas solemnidades.

No ultimo dia do triduo, fizemos ligeira e singela conferencia, concernente ao assumpto, explicando e provando ao povo que, sendo a religião catholica amiga e protectora das sciencias, das artes, das luzes e do progresso emfim, ia ter diante de si, nesta localidade, campo vastissimo para suas nobres aspirações. Mas que, como de envolta com o progresso, com as sciencias e com as artes, havia tambem de entrar

para este mesmo logar o espirito do erro, da impiedade, da mentira, da hypocrisia e do vicio, trazidos pelos cerebros estiolados e pelos corações corruptos, era necessario, era imprescindivel que o povo desta freguezia se unisse em um mesmo crer e em um mesmo sentir: *cor unum et anima una*, em espirito de fé e de verdade, para attrahir de Deus vistas benevolas sobre a nova cidade a construir-se, e impedir que nella a herva boa ou o trigo (para usar a espressão do evangelho) fosse suffocada e vencida pela herva damninha ou o joio. E nossos esforços não foram baldados.

Deus tem visivelmente protegido e abençoado a nova capital do Estado. Que o digam os que desde o principio tem de perto acompanhado todo o movimento de sua construcção.

Em Sabará promoveram grande baile para tambem festejarem a decisão da mudança da capital, e para elle foram convidados os habitantes deste logar; mas como o dia marcado para esse baile coincidia justamente com o segundo do triduo de que acabamos de falar, o povo, e com razão, não quiz preferir o acto profano ao religioso; e áquelle ninguem daqui compareceu.

Quem, com espirito perspicaz e observador, vê e estuda o movimento da construcção da nova cidade, attende as circumstancias de logar, de tempo e de pessoas, vê a ordem e a harmonia que reina, e o andamento regular de todo o serviço admira-se e conclue reconhecendo que verdadeiramente *Deus tem protegido a nova cidade de Minas* desde os seus primeiros fundamentos.

CAPITULO XXII

Commissão Constructora—Seus primeiros actos

Nada de novo occorreu neste logar, de fins de dezembro de 1893 a fins de fevereiro de 1894, ao passo que em Ouro Preto, formavam-se planos e organisava-se a commissão, que devia se encarregar da construcção da nova cidade mineira, sob a chefia do illustrado e laborioso engenheiro dr. Aarão Reis.

Aos 14 de fevereiro desse mesmo anno de 1894, foi promulgado o decreto n. 680, approvando o regulamento que organisava a commissão constructora, referendado pelo então secretario da agricultura, dr. David Campista.

Em fins do mesmo mez, aqui chegou o dr. Aarão, investido de poderes extraordinarios e excepcionaes, como as circumstancias pareciam exigir; e, no dia 1 de março, inaugurou-se a commissão, que vinha enfrentar o mais difficil o melindroso trabalho que se tem visto em Minas.

O povo fez-lhe o mais amavel e generoso acolhimento possivel, e se poz no pincaro da observação e da espectativa, fazendo-se todo olhos e todo sentidos, para medir-lhe o passo

e estudar-lhe os actos. Anciosos e soffregos aguardavam todos alguma palavra ou acto da mesma, que se relacionasse com seus interesses particulares, quando, por officios do engenheiro chefe, foi convidado o povo para uma reunião no escriptorio central.

—Para que será? de que se irá tratar?—era esta a voz que corria de bocca em bocca.

No dia marcado, ao meio dia, em uma das salas do escriptorio, achavam se reunidas as principaes pessoas do logar, á espera do que se ia passar.

A' hora marcada, o sr. dr. Aarão expoz aos circumstantes o fim daquella reunião, dizendo que, «tendo sido elle nomeado chefe da commissão, incumbida da construcção da nova capital, e comprehendendo a posição melindrosa e difficil delle chefe, lembrou-se de convocar ao povo para pedir-lhe não só não creassem difficuldades á commissão, mas antes auxiliassem-n-a em tudo o que pudessem; ja mostrando-se doceis ás diversas prescripções regulamentares para o bom andamento do serviço da nova capital; ja proporcionando e facilitando meios de agasalho e das indispensaveis commodidades aos membros da commissão e mais pessoas, que para este logar teriam de vir, e que, a não ser assim, com grandes difficuldades teriam todos de arcar; e que, então, elle, chefe, ver-se-ia obrigado a lançar mão de meios que talvez viriam prejudicar os seus interesses, e que a commissão desejava viver em harmonia com o povo etc..».

Terminado este pequeno discurso, como nenhum dos

circumstantes dessem resposta, nós, que tambem nos achavamos presente, respondemos em nome dos circumstantes e do povo em geral, dizendo «que não havia de ser o povo de Bello Horizonte que crearia difficuldades á commissão constructora; porque tendo o mesmo sempre afagado e defendido a ideia da mudança da capital para este logar, não podia, agora que via o seu sonho dourado em vias de esplendida realidade, arvorar-se em escolho á realisação de seus anhelos.

Que se elle até agora nada havia feito era porque estavam todos vacillantes sobre o terreno que pisavam, e esperavam alguma orientação e segurança por parte da mesma commissão. Uma vez, porem, que a commissão se mostrava naquellas disposições para com os habitantes de Bello Horizonte, nós podiamos assegurar ao sr. dr. chefe em nome das pessoas presentes e no de toda a população, que alli representavamos, que o mais franco apoio e a maior boa vontade possivel encontraria a commissão no povo deste logar, desde que fossem respeitados os seus direitos.»

E com isso retiraram-se os convidados algum tanto tranquillos, mas não ainda de todo contentes; pois ja queriam saber si poderiam continuar em suas propriedades, e por quanto tempo, para então poderem tratar de concertos, limpezas das mesmas, e do cultivo e trato de suas chacaras e quintaes, ja de algum tempo a essa parte, algum tanto paralisados, em vista do estado anormal das cousas da epocha; e sobre isso nada se lhes adiantou pela reunião conferencial, que acabavam de ter.

A situação do povo era, portanto, ainda vacillante.

Entretanto, proseguia a commissão em seus variados e complicados serviços de geodesia, topographia, estudo de aguas, esgotos, canalisação de aguas fluviaes, viação ferrea, urbana, triangulação, levantamento da planta cadastral do arraial etc. etc..

A publicação, porem, do decreto n. 776 de 30 de agosto de 184 , desligando do Municipio de Sabará todo o territorio do districto de Bello Horizonte, e autorizando ao engenheiro chefe da commissão constructora a promover, nos termos da lei n. 15, de novembro de 1891, a desapropriação amigavel ou judicial dos mananciaes, pedreiras etc,, situados no mesmo districto, que fossem necessarios ao desempenho dos trabalhos, foi a voz de alarme para todos.

Esse decreto repercutiu forte e vibrantemente no intimo d'alma dos habitantes de Bello Horizonte, e os poz em novos sobresaltos entre timidos e esperançosos. Temiam a hypothese de serem obrigados a abandonar seu torrão natal, para irem chorar saudades do tempo passado, em terra estranha; mas ainda tinham esta unica companheira inseparavel do homem, ainda no infortunio—a esperança—, prevendo que poderiam receber boas indemnisações por suas propriedades.

CAPITULO XXIII

Desapropriações—Clamores

O periodo das desapropriações parecia aqui o mais terrivel, melindroso e difficil para a commissão; e, com effeito, o seria si o povo não houvesse tomado logo uma attitude calma e resignada, digna de louvor; e si não fôra a atilada perspicacia, a energia e a prudencia do sr. dr. Aarão Reis.

O dr. Aarão estudou, planejou, calculou a questão e metteu-se na obra com tanto tino e felicidade, que no fim de alguns mezes estava desapropriado amigavelmente, e sem nenhum attricto desagradavel, todo o arraial de Bello Horizonte e grande parte do territorio de seu districto, por pouco mais de 700:000$000, inclusive a fazenda do Barreiro, hoje colonia do Barreiro.

Só alguns poucos predios e terrenos, que eram bens de orphãos, ou em que havia qualquer complicação, foram desapropriados judicialmente.

(Para falarmos mais correcta e juridicamente, não devemos chamar propriamente desapropriações a essas que se fizeram em Bello Horizonte; mas sim verdadeiras transacções de compra-e-venda, onde o comprador era o Estado na pessoa

do dr. chefe da commissão constructora, e os vendedores, os proprietarios deste logar.)

Sem dar prejuizo directo a ninguem, o dr. Aarão Reis fez para o Estado tão favoravel adquisição dos terrenos de Bello Horizonte, que difficilmente outro qualquer faria egual, com tanta paz e harmonia.

Muito vale o trato attencioso e cortez para com o povo, ainda da infima classe!

Ha quem accuse o dr. Aarão Reis de violento, injusto e cruel para com o povo, nas desapropriações; mas não seremos nós nunca que havemos de accusal-o neste ponto; porque seguimos muito de perto todos os tramites dessa questão e conheciamos todos os seus pontos melindrosos.

O dr. Aarão não podendo prejudicar o povo para favorecer ao Estado, nem sobrecarregar de despezas os cofres para favorecer ao povo, tentou guardar o terma medio, tendo em vista este vulgar principio de direito: «Diante de um bem geral cede o particular.»

Conhecemos que essas desapropriações causaram grandes descommodos e preoccupação de espirito a muita gente, maxime, aos pobres, que expontaneamente, não trocariam por qualquer dinheiro o bem-estar de que gozavam em suas pobres vivendas; mas tambem sabemos que todos os desapropriados, quer os que se tenham conservado na povoação, quer os que se tenham retirado para fóra della, estão ja tranquillos e em melhores condições que antes.

Podia ter sido o povo de Bello Horizonte mais frvorecido

e beneficiado do que o foi; mas isto competia ao legislador prevenir; e a lei n. 3 de 17 de dezembro de 93, addicional á constituição do Estado, calou-se sobre esse ponto. Não cogitou dos interesses dos antigos habitantes de Bello Horizonte.

O dr. Aarão não merece a accusação que alguns lhe fazem de injustiças na desapropriações.

Mais de uma vez ouvimol-o dizer, é verdade, que não queria nenhum dos antigos habitantes de Bello Horizonte dentro da area urbana ou suburbana traçáda para a nova cidade, e que tratasse o povo de ir se retirando; mas si, com effeito, eram esses os planos e o desejo do dr. Aarão, não se realisaram, porque foram modificados e abrandados; e, como se viu e se vê ainda, grande parte dos habitantes permaneceu no arraial. Apenas 6 ou 7 familias se retiraram para fora do districto e o fizeram espontaneamente; todas as demais se estabeleceram, umas nas immediações da area suburba nada nova cidade, e outras conservaram-se mesmo na povoação, como acima ja dissemos.

CAPITULO XXIV

Exodo dos antigos habitantes

Como dissemos no capitulo precedente, poucas familias se retiraram deste logar para outros districtos; algumas se conservaram no arraial; e a maior parte refugiou-se nos arrabaldes da freguezia.

Calafate e Piteiras foram o asylo da pobreza, e hoje estão quasi transformados em dous arraialetes.

De um mixto de sentimento e de esperança foi-nos a assistencia do exodo da antiga população para os logares supra-indicados. Movemo-nos á compaixão por vermos as difficuldades com que luctavam os pobres, para de novo se estabelecerem, por vermol-os, muitas vezes, com as lagrimas nos olhos, se queixarem da sorte, pelas peripecias e amarguras porque ião tão bruscamente passando.

Era uma scena triste e commovedora essa da emigração da maioria dos habitantes para outras paragens mais reconditas e solitarias de seu querido Curral d'El-Rei!

Quantas vezes tivemos que consolar com palavras de animação a alguns, que, afflictos, a nós se dirigiam pedindo-nos algum aorientação!—Deus o sabe!

Entretanto, sentiamos nos escrinios do coração uma luz de fagueira esperança, que ja nos sorria, e era esta a nossa primeira palavra de consolação aos nossos afflictos consultantes.

Anteviamos que aquelle povo, que tão desalentado se retirava do centro da povoação, ia levar alguma vida ás incultas cercanias do arraial, arroteando os mattos e os campos, que, pela ausencia de habitantes, jaziam baldios; e que os claros pelo mesmo deixados no arraial iam preencher-se pelos praticos obreiros da nova capital, que era de mister se edificasse no curto praso de quatro annos.

E foi o que se deu, como hoje se vê.

Mal haverá dous annos que os logares denominados Calafate e Piteiras eram uma verdadeira solidão, onde não se encontravam mais que meia duzia de casebres disseminados aqui e acolá;—e hoje aquelles logares ja se ostentam com alguma animação e contam approximadamente 60 habitações, cujos moradores se occupam activamente em pequenas lavouras ou em outros congeneres ramos de commercio.

Cachoeira, João Carlos, Bento Pires e Cardosos estão no mesmo caso que Calafate e Piteiras, não, porem, tão habitado como estes dous ultimos.

O arraial, depois da sahida da grande parte de seus habitantes e ao passo que iam chegando os obreiros da nova cidade, foi-se logo transformando em uma verdadeira officina de trabalho, onde devia se fundir a primeira maravilha da America do Sul, chamada Minas.

As casas deixadas pelos seus ex-proprietarios foram logo occupadas pelas familias dos membros da commissão constructora da nova capital; e, como não havia commodos para os demais obreiros da nova cidade mineira, iam estes se accommodando, como podiam, em barracões e cafúas, que, a cada momento, e por todos os recantos do arraial, surgiam, como cogumelo nas queimadas, em tempo de chuva.

A fama dos serviços da nova capital mineira, echoando por todos os pontos do Brasil, attrahiu grande numero de operarios e especuladores. A emigração (maxime a italiana) veiu completar o numero de uns e de outros, e concorrer, a principio, para o augmento da lucta pela existencia em circumstancias tão anomalas.

A commissão constructora admittia maior numero de pessoal á proporção que o andamento dos serviços o exigia; e, como os serviços progrediam, progrediam sempre, tambem de dia para dia augmentava-se o numero da população, que, de 2600 almas que era até março de 1894, subiu logo, approximadamente, a 3500, até dezembro do mesmo anno; a 5000, até dezembro de 1895, e a 6000, até dezembro de 1896. Nessa data ja o velho Curral d'El-Rei não era o mesmo de outr'ora; a sua habitual placidez e monotonia ia sensivelmente se trocando pelo reboliço e borborinho dos centros commerciaes adeantados. Uma outra vida mais louçã e juvenil animava o organismo social de Bello Horizonte.

CAPITULO XXV

Trabalho de gabinete—Terraplenagem —Murmurações—Falsos boatos

E' claro e intuitivo que para a realisação das grandes emprezas são de mister grandes aprestos, que devem estar na razão directa da sumptuosidade d'aquellas.

O mais simples bom senso comprehende sem difficuldade que a concepção, a idealisação e o plano de uma obra de sciencia ou de arte são, por assim dizer, toda a obra.

Quando o immortal Miguel Angelo, instado pelo papa Julio II, decidindo-se a acceitar a decoração da abobada da capella sixtina, entra e fecha-se sosinho na capella, contempla aquella immensa abobada alta, escura, nua, vasia, semelhante ao espaço deserto, antes da creação, ja havia elle, o sublime pintor, traçado em seu cerebro de fogo, e aviventado em sua imaginaçãs ardente a maravilha d'arte, que hoje enriquece a capella de Sixto IV, e que tem, peregrina, atravessado seculos, e hade ovante perpassar edades, desafiando aos mestres.

E Miguel Angelo gastou mais tempo, talvez, e encontrou mais escolhos na idealisação de sua aurea obra do que na realisação da mesma.

Não era, portanto, de admirar que a commissão constructora, incumbida do plano e construcção da nova capital do Estado de Minas, se encerrasse no escriptorio technico alguns mezes, para a concepção e projecto da primeira maravilha sul-americana, antes de sahir a publico para a sua construcção.

Daqui a improcedencia das murmurações e queixas, que, contra a commissão, se faziam por não começar esta logo a remover terras, rasgar ruas, circumscrever praças e construir predios.

Terminado o periodo dos estudos e calculos, necessarios ao levantamento da planta da cidade e das de seus principaes edificios publicos, foi logo atacado o serviço de terraplenagem.

Excusamo-nos de apontar minuciosamente os diversos e complicados pontos que constituiram a base dos estudos da commissão no primeiro e curto periodo de seu estabelecimento neste logar, porque seria isto assaz extenso, e, quiçá, fastidioso ao leitor.

Quem puder ajuizar bem o que é planejar uma cidade, obedecendo as escrupulosas exigencias das novas escolas, e fazel-a surgir de um arraial central, desprovido de tudo, ainda quasi em estado florestal e distante de recursos; quem puder avaliar o que é um compromisso tomado para com o Estado e para com as sciencias, de apresentar, em tempo determinado e curto, uma obra de toda a importancia e que ha de ser objecto do mais aturado exame e da mais rigorosa critica dos sabios e peritos, esse saberá dar razão á commissão constructora de seu escrupulo e demorado estudo de gabinete, desenvolvendo calculos, fundamentando raciocinios, medindo

campos, triangulando terrenos, dividindo-os em secções, estas em quarteirões, estes em lotes, projectando edificios e levantando a planta da nova capital.

Mil boatos falsos, queixas e sensuras de toda a especie foram levantados por espiritos bairristica ou politicamente apaixonados contra a commissão e seus trabalhos, para, d'est'arte, impedirem a marcha dos serviços e evitarem a mudança da capital; mas tudo foi baldado, porque a realidade dos factos era prova poderosissima contra o que tão mesquinhamente se dizia.

Não é que com isto queiramos canonisar a commissão, collectiva ou individualmente; porque era composta de homens, os quaes, si bem que habilitadissimos (cada um na esphera de suas attribuições) e dirigidos por um engenheiro honesto, recto e habilitado a toda a prova, não gozavam, comtudo, do privilegio da infallibilidade scientifica.

O nome do sr. dr. Aarão Reis ao lado do do sr. dr. Affonso Penna, ha de ficar gloriosamente ligado á historia da nova capital de Minas.

Em pouco mais de um anno, de 1 de março de 1894 a 22 de maio de 1895, que foi a data em que, por encommodo de saude, se dimittiu de chefe da commissão constructora, o sr. dr. Aarão Reis deu aos serviços da nova capital á sua direcção tal impulso, e deixou-os em tal estado de adiantamento que a ninguem (que ajuiza das cousas pela razão e não pela paixão) foi mais licito duvidar de que no praso constitucional poder-se-ia realisar a auri-sonhada mudança, si a isto não viessem obstar circumstancias graves e imprevistas.

CAPITULO XXVI

Chefia do Dr. Bicalho

Ao sr. dr. Aarão Reis succedeu o sr. dr. Francisco Bicalho, que assumiu a chefia da commissão constructora aos 22 de maio de 1895.

Muito era de se temer que soffressem grande abalo os serviços da nova capital, com a retirada de seu primeiro chefe, homem, que, como ja vimos, ajuntava a seu bello talento bem cultivado nas sciencias exactas, uma actividade admiravel, uma argucia diplomatica e uma franca affabilidade de animo no trato com seus auxiliares e subalternos. Mas, o tempo e os factos vieram celere provar que os serviços, muito ao envez de se prejudicarem pela mudança de chefe, progrediram e tomaram rapido impulso, não obstante a terrivel guerra que lhes oppuseram as chuvas e a estrada de ferro central.

O dr. Bicalho, logo ao tomar as redeas da direcção dos serviços, comprehendendo a grave e difficil situação, em que se achava, de dar a nova cidade em estado de poder receber o governo estadoal e o funccionalismo publico, no praso constitucional da lei, empregou toda a energia de seu espirito culto e experiente, para remover obices, atalhar difficuldades e dar aos serviços todo o desenvolvimento necessario.

E, com effeito, logo após a inauguração do lastro do ramal da ferro-via deste logar, o novo chefe da commissão tratou de entrar em negociações com o director da estrada de ferro central, afim de facilitar os transportes de todo o material necessario á construcção da cidade.

Feliz lembrança essa, e que si não produziu brilhantes resultados, que eram de se esperar de outra parte que não a nossa *gloriosa* Central, ao menos obviou algumas difficuldades e adiantou muitos expedientes.

Outra difficuldade que tinha a vencer o dr. Bicalho, era o modo de transporte de pedras das diversas pedreiras deste logar, e de outros materiaes para os differentes pontos, onde se deviam construir os principaes edificios publicos, e tambem para os particulares. Para isso foi logo estabelecida uma rede de viação ferrea urbana e suburbana, o que foi de incontestavel vantagem, e, podemos dizer mais,—si não fôra assim, impossivel seria a construcção da cidade. O decreto da mudança teria sido suffocado por impossivel de realisar-se.

Uma outra instituição que muito ha de pezar na concha da balança do credito do dr. Bicalho é a grande serraria a vapor, estabelecida na Praça da Republica, e que tem mostrado na pratica sua immensa utilidade. Alli se desdobram, em poucas horas, centenas de pranchões, madeira bruta e taboas; e se preparam fórros, assoalhos, portas etc., tudo do mais aperfeiçoado gosto e com a maxima rapidez.

E' uma serraria de primeira ordem, bem montada, e, talvez, a primeira, em seu genero, em todo o estado de Minas.

Está essa serraria confiada á direcção de um cidadão, que, em honradez, propidade e tino administrativo não cede a palma a ninguem—Francisco Soucaseaux é o seu nome.

Tomadas essas acertadas medidas, era natural que os serviços de construcção da cidade tomassem forte impulso, como de facto tomaram, o que de dia para dia vae se vendo.

Não levaramos nós tanta pressa neste modesto trabalho, —que não pretende passar de ligeiro esboço—, e então era aqui logar de externar minuciosamente nossas impressões sobre a rapida metamorphose porque vae passando o velho Curral d'El-Rei; mas não perderá o leitor muito com isso, porque, no ultimo capitulo fal-o-emos resumidamente.

E com isto fechamos o presente capitulo, para darmos conta ao leitor, no seguinte, das festas inauguraes de 7 de setembro de 1895, que foram como que a fundação e a sagração da nova cidade, pelo caracter solemne e official que tomaram com a presença do governo estadoal, de muitos magistrados, politicos, homens de lettras e da imprensa da capital federal. Vejamos.

Deixemos ja este capitulo e entremos no seguinte.

CAPITULO XXVII

Festas inauguraes do ramal ferreo. Fundação do «Bello Horizonte».

O estridulo eccho das locomotivas do ramal ferreo da nova capital ja havia dous mezes que acordava o silencio das florestaes margens do ribeiro Arrudas, quebrando o surdo murmurio de suas aguas. Ja havia dous mezes que o povo de Bello Horizonte via aportar em sua estação provisoria, conduzindo passageiros, mercadorias e materiaes, diversas vezes no dia, arquejante e cançado, o possante cavallo do progresso, o mais bello invento dos tempos modernos. Ja a planta geral da nova cidade e as de seus principaes edificios publicos estavam promptas e approvadas; as ruas, avenidas e praças traçadas e abertas. Uma grande officina, cujo mestre de obras, tendo dado o plano dos serviços, distribuido os postos dos operarios, traçado a esphera das attribuições de cada um e preparado o material, só aguarda ordens superiores para dar a voz de—eia, vamos!—dá viva ideia do estado das cousas relativas á construcção da nova capital, na epocha a que nos referimos.

Tudo estava assim preparado; só faltava a voz de—mãos

á obra—e essa voz foi dada a 7 de setembro de 1895 com as festas consagraticias da nova cidade.

Esplendidas, brilhantes e apparatosas foram ellas. E era de mister que assim o fossem, para attrahir-se a attenção dos extranhos e tornarem-se mais conhecidas as bellezas deste logar e sua propriedade para ser a metropole de Minas, e, destarte dissiparem-se as desconfianças e máos preconceitos, que, infelizmente, ainda havia contra Bello Horizonte.

Os primeiros arreboes da aurora do dia 7, alegres e festivos como os semblantes da população local, que, sofrega, esperava pelo desfecho de tanto festejo annunciado, foram saudados em triumpho por todos os corações palpitantes de doce anciedade e de enthusiasmo. Dizemos foram saudados com triumpho, porque os dias precedentes, tendo sido chuvosos e sombrios, ameaçavam desarmar todo o prazer, tirando o brilho a toda a festa. Por um capricho da natureza, porem, após clara e serena aurora que despontou graciosa no horizonte, seguiram-se alguns momentos de tempo dubio e nebuloso, que assaltaram com desalento aos corações festeiros. Mas, dentro em pouco, essas nuvens se dissiparam e appareceu o céo azul, sereno e limpido, evitando-se os inconvenientes do pó, que desappareceu, da lama que ja não existia, dor raios do sol que não atravessavam ardentes as camadas ethereas, e da chuva que não veiu mais.

A's 7 horas da manhã, partiu da estação provisoria deste logar a locomotiva, arrastando, vertiginosa, Arrudas abaixo, os carros que continham, além de outros passageiros, uma

commissão composta dos srs. drs. Francisco Bicalho, Ludgero Dolabella, Martinho de Moraes, Manuel da Silva Couto e Samuel Gomes Pereira, para receberem o exm. Presidente e outros illustres convidados, em «General Carneiro».

Após longo tempo de espera, occasionado por lamentavel atraso do trem, chegaram dous carros conduzindo convidados ouro-pretanos e outros, que, depois de tomarem copioso almoço seguiram em demanda de Bello Horizonte, fazendo-se ouvir nessa occasião harmoniosos sons musicaes pela banda sabarense para este fim convidada, frequente espoucar de foguetes, troadores tiros dynamiticos e calorosos vivas ao Estado, á nova capital etc.

Aguardava-se ainda a chegada dos carros do Presidente do Estado, ministros, senadores, deputados etc.

Cincoenta minutos apenas eram passados, e ja em «General Carneiro» ia entrando, triumphal e magestosamente, o trem especial esperado, conduzindo os altos personagens.

Musica, fogos, vivas e outras demonstrações de regozijo não faltaram para saudar aos illustres recemchegados.

Seguiu-se ao almoço a benção dos trilhos e da machina, entrando todos os circumstantes immediatamente nos carros, que deviam logo seguir direcção de Bello Horizonte.

Nesta occasião, nós, que comnosco haviamos levado varios exemplares do primeiro numero de nossa nova folha *Bello Horizonte,* logo que todos haviam tomado assento nos carros, distribuimol-a com todos, começando pelo exm. Presidente, a quem offerecemos o primeiro exemplar sahido fresquinho da

machina de impressão, para ser lançado na pedra fundamental do palacio.

Tinha ficado de proposito a sorpreza guardada para essa hora.

Esforços gigantescos houvemos de empregar para podermos dar, em dia, por tantos titulos tão glorioso e afortunado, á luz da publicidade, o primeiro jornal fundado na nova capital do Estado.

A's 8 horas da noite de 6, vespera dos festejos, quando para o prelo ia a 3.ª pagina do jornal, eis que afrouxam-se os apertadores da composição e lá se vai tudo empastelado pelo chão afora, ficanco nós e nossos pacientes companheiros de trabalho condemnados a passar a noite em *claro* e de pé firme, para o desempastelamento dos typos, recomposição das materias perdidas e impressão da folha, que, queriamos estivesse prompta ás 5 horas da madrugada, para comnosco ser levada á General Carneiro, para agradavel surpreza dos illustres convidados. E assim aconteceu, como acima ficou dicto.

Vencemos a campanha e cumprimos os nossos desejos.

CAPITULO XXVIII

Partida de General Carneiro—Chegada a Bello Horizonte—Missa campal.

Eram duas horas, menos 15 minutos, quando o gigante invento conductor do progresso e da civilisação, bamboleando sobre suas pesadas rodetas, voava veloz para trazer á nova capital os seus primeiros magistrados, que vinham assistir officialmente á sua fundação.

Nos cimos dos morros, no plano dos campos, de todo o canto, emfim, surgiam grupos de pessoas, que, conscientes da solemnidade do acto a que se estava procedendo, queriam saudar, ao menos com a vista e de longe, a nova capital triumphante.

O ruido festivo que havia cessado em General Carneiro ia augmentar-se em Bello Horizonte.

Ja em caminho, no Marzagão e noutros pontos, iam apparecendo varias demonstrações festivas. Mas prosigamos na viagem e preparemos o espirito para a chegada á estação provisoria de Bello Horizonte e para tudo o mais que ahi se vai desenrolar á nossa vista.

Ja se avistam, ao longe, as primeiras casas, varias aveni-

das e ruas da nova capital embandeiradas, caprichosamente ornadas de festões, fitas, galhardetes, ramagens etc. etc., dando tudo ao poetico Bello Horizonte um aspecto deslumbrante e encantador, o que fez alguem da comitiva exclamar: —«Que panorama explendido, soberbo!»

Eis-nos, alfim, chegados a Bello Horizonte.

Eram 2 horas e 10 minutos da tarde. A' estação e em seus contornos, immensa multidão se apinhava, derramando nos labios e nas physionomias as alegres expansões de seus corações.

Os calorosos vivas ao Estado, ao presidente e á nova capital, que neste momento partiam de todos os cantos, eram confundidos pelos fortes sons da banda musical do batalhão ouro-pretano, que executava o hymno nacional (verdadeira expressão do coração brasileiro em momentos de enthusiasmo) e pelo frequente crepitar de girandolas e foguetes. Desfilou-se o prestito, rumo do local onde ia ser celebrada a missa campal.

Mais alguns instantes ainda, e eis-nos em o poetico sitio, adrede preparado para o imponente e solemne acto da missa.

Nada havia a desejar-se no pavilhão desenhado e organisado pelo habil engenheiro dr. José de Magalhães: a naturalidade e o bom gosto dominaram accentuadamente em tudo. Ja o sol perlustrava a terceira parte de seu quadrante, quando assomaram ao altar celebrante e acolytos.

Foi celebrada a missa pelo revm. frei Sebastião Ciocci (para memoria da primeira missa celebrada em brasileas ter-

ras, que foi tambem por um capuchinho) e acolytada pelo vigario da freguezia, pelo revm. con. Antonio Roussim, pelo revd. padre Trombet e por um seminarista que tambem se achava presente.

Descrever-se o que então passou-se nos corações crentes e piedosos, ao assistirem ao sacrosanto sacrificio da missa, no descampado, ao doce farfalhar das ramagens das palmeiras, ao surdo murmurio das aguas do ribeirão Acaba Mundo, que pouco abaixo se deslisava por sobre seu areiento leito, aos doces e maviosos acórdes de argentinas vozes acompanhadas a harmonium, entoando sublimes cantos sacros, seria tentar manifestar o que só persentem os mysteriosos abysmos do coração humano.

Ao evangelho, orou, piedosa e sapientemente o revd. dr. Julio Maria, tomando por thema de sua oração as palavras do Psalmists:—*Nisi Dominus custodierit civitatem in vanum laboraverunt qui ædificant eam*—«Si o Senhor não edificar e não guardar a cidade, debalde trabalharão os que a edificam».

Sobre este texto discorreu profusamente o revm. dr., mostrando a tendencia da exaltada sociedade actual em afastar de tudo o nome de Deus, e a fugir das benevolas influencias da religião, para só se alimentarem de chimeras; fazendo, comtudo, o orador excepção dos primeiros magistrados do Estado, que têm empregado esforços para não deixarem medrar em nossa terra a planta exotica da incredulidade e do indifferentismo.

Terminou, finalmente, seu discurso invocando de Deus benção e protecção para a nova capital do Estado.

CAPITULO XXIX

Benção das pedras fundamentaes do congresso, do palacio presidencial e das secretarias.—Jantar, discursos e manifestações.—Concerto musical.

Terminada a missa, todos se dirigiram para o local onde devia realisar-se a ceremonia da benção da primeira pedra fundamental do congresso, na avenida Affonso Penna. Ahi se achava ornado bello e vistoso arco, e um pequeno pavilhão, sob a qual devia ser lavrada a competente acta do estylo.

Ao som do hymno nacional, foi esta lançada na pedra fundamental, juntamente com outros objectos—um exemplar da constituição federal, idem da estadoal, jornaes do dia, moedas e outros objectos que alguns dos circumstantes offereceram. Todos estes objectos foram collocados em linda caixa de velludo azul celeste pelo exm. Presidente do Estado, e nella fechados pelo exm. chefe da commissão.

Mettida essa caixa em outra de madeira tosca, foi tudo assim lançado na cavidade quadrangular da pedra para esse fim ja preparada e disposta. Rodada sobre esta, outra, que devia servir de tampo, foram ambas cosidas á argamassa e

depois selladas em cruz com agua benta por nós, como parocho da freguezia.

A esse acto seguiram-se alguns discursos a que respondeu o exm. Presidente do Estado em eloquentes e brilhantes phrases, que, nos pesa não poder aqui estampar.

Em demanda da grande praça, onde ia lançar-se a primeira pedra do palacio presidencial, subiu o festivo cortejo pela avenida da Liberdade. Chegando-se ao local desejado, procedeu-se logo á benção e lançamento da pedra, na mesma ordem e com as mesmas formalidades ja descriptas para o lançamento da pedra do congresso. Isto feito, repetiu-se o mesmo para a pedra fundamental da secretaria do interior.

O exm. Presidente e mais srs. magistrados, voltando pela mesma avenida porque tinham ido, dirigiram-se, com varios membros da commissão, para o escriptorio central, onde se demoraram algum tempo visitando o mesmo e suas dependencias e serviços.

D'ahi deviam partir para o grande jantar diplomatico e ao mesmo tempo popular, o que só fizeram ja depois que o scintillar das estrellas iam substituindo aos frouxos raios de um sol cadente.

O jantar foi servido ás 7 horas da noite, em um sitio pittoresco e poetico, caprichosamente preparado.

Era extensissima a mesa semi-circular, e para mais de 600 as pessoas que deviam ser servidas. Ao champagne se fizeram ouvir varios discursos politicos e patrioticos referentes ao acto.

Prolongou-se este pro'uso jantar até mais de 10 horas da noite, concluido o qual o exm. Presidente, ministros e a maior parte dos convidados se reembarcaram em regresso ás suas respectivas localidades.

No dia seguinte, 8 de setembro, foi offerecido um jantar aos representantes do jornalismo brasileiro, que, a convite, vieram assistir nossas festas. Trocaram-se diversos brindes nesta occasião.

A' noite, os convivas e alguns membros da commissão fizeram uma passeiata pelas ruas, no maior delirio de alegria. Dirigiram-se em primeiro logar á nossa Redacção para saudarem-n-a, distincção esta que muito nos penhorou.

Dirigiu-se o prestito para a casa do dr. Samuel Gomes para brindar ao distincto engenheiro, que, incontestavelmente, tem jus a nossa estima, pelos seus esforços e dedicação em prol da mudança da capital para este logar. Dahi seguiram todos para a residencia do dr. Francisco Bicalho, provecto engenheiro e digno chefe da commissão, o qual foi alvo da mais cordeal e sincera manifestação, a que o mesmo correspondeu da maneira mais cavalheirosa possivel.

Foi todo o movimento festivo desta solemne inauguração coroado por um bellissimo concerto, executado por diversos amantes da sublime arte musical, de Ouro Preto, como se vê pelo seguinte programma, que com ligeiras modificações foi seguido:

PRIMEIRA PARTE

1.º OUVERTURA para orchestra, pelos srs. Vicente, Trajano, Nicodemos, Francisco Monteiro, D. Monteiro, José Felicissimo, F. Moreira e Innocencio Pinheiro.

2.º DOMINICO MIRCO.—*Anna Bolena*—Variação para clarineta pelo sr. Francisco Moreira, com acompanhamento de piano, pela exma. sra. d. Firmina Monteiro.
3.º BOUQUERINE—*Minuetto*—Quinteto para cordas.
4.º P. STICHINI—*Domingo na Aldeia*—Scena pittoresca—Sexteto para cordas.
5.º H. BRAGA—*Gavotta*—Quarteto para cordas.
6.º B. C. FAUCONIER—*Vision*—Sexteto para piano, cordas e clarineta.
7.º GOTTSCHALK—*Tarantella*—Para piano e orchestra.

—

SEGUNDA PARTE

8.º OUVERTURA—Para orchestra.
9.º SANT'ANNA GOMES—*Saudades*—Quinteto para cordas.
10.º G. SALIERI—*Pencieni Beliniani*—Fantasia para clarineta e piano, pelo sr. José Felicissimo e d. Firmina Monteiro.
11.º G. BOLSONE—Quarteto para cordas.
12.º B. C. FAUCONIER—Sexteto para cordas.
13.º FAUSTO—Trio para piano, violino e violoncello.
14.º AHPAETH—*Pot Pourri*—Dueto para clarinetas com acompanhamento de piano, pela exma. sra. d. Firmina Monteiro, Francisco Moreira e José Felicissimo.

No fim do concerto, improvisou bellissimo e sentimental discurso o dr. Alfredo da Costa Guimarães.

De tudo isto foi lavrado uma acta em que se assignaram todos os presentes.

Desculpem-nos alguns senhores, cujos nomes aqui deviam estar, provocando nossos applausos, e que aqui não se acham, pela brevidade a que tivemos de nos cingir no correr destas descripções. Mas, si seus nomes não se acham aqui no papel, acham-se nos corações de todos os que sabem apreciar o merito, e avaliar os esforços necessarios para bom desempenho de emprezas da ordem da que acabamos de descrever.

CAPITULO XXX

Conclusão

De 7 de setembro de 1895, dia das inaugurações officiaes, que deixamos descriptas nos capitulos precedentes, á data em que escrevemos,—junho de 1897—, Bello Horizonte tem se metamorphoseado de tal modo, que surprehende e impressiona risonhamente a todos, que, tendo a este logar vindo por occasião daquellas festas, de novo têm aqui voltado, ultimamente, por qualquer motivo attrahidos.

Do antigo arraial ainda existem muitos vestigios:—casas velhas, cafúas, choupanas, ruas estreitas e tortas, largos e praças irregulares—eis o que se nota ainda do velho Curral d'El-Rei.

Umas centenas de cafúas e barracões que se veem agrupados ou disseminados aqui, acolá, são tendas dos operarios da nova cidade, e que são demolidos com a mesma facilidade com que são construidos, conforme as exigencias do andamento dos serviços o reclamam.

Bello Horizonte é hoje um contraste de velharias e novidades: ao pé de uma cafúa de barro, coberta de capim ou zinco, eleva-se um edificio elegante e solido; ao lado de um

edificio velho do Curral d'El'Rei, surge um primoroso palacete da nova capital;—junto de uma estreita e pobre rua, formada de casas e choupanas de todos os tons e cathegorias, que attestam a modestia ou a pobreza dos antigos habitantes do Curral, estira se, desafrontada, larga e extensa rua da nova cidade. Mas essas cafúas, essas velhas casas e essas ruas irregulares do Curral vão desapparecendo, pouco a pouco, ao passo que, como por encanto, surgem outras novas. Não diria mal quem comparasse o Bello Horizonte actual com o firmamento semeado de miudas estrellas, que vão se apagando e desapparecendo ante o brilho das de maior grandeza, que vão se manifestando.

Nada é para nós mais bello, mais poetico e mais recreativo do que a observação attenciosa desta sublime metamorphose material.

Praza aos céos que sublime, poetica e bella seja tambem a metamorphose social e moral!... Si na arteria do organismo social de nova capital predominasse o sangue brasileiro...

Hoje trabalha-se aqui activa e denodadamente, *maxime*, na conclusão dos palacios e edificios indispensaveis para a transferencia do governo estadoal para este logar, o que deverá ser, pela lettra da lei, até o dia 13 de dezembro do corrente anno.

O palacio presidencial, tres secretarias, secretaria da policia, e cento e muitas casas para funccionarios publicos estão quasi concluidos. Os tres palacetes para os secretarios acham-se ja em notavel adiantamento, apesar de terem sido, ha pouco, começados.

O congresso, a casa da imprensa official, o gymnasio, o quartel e um edificio para escola acham-se em fundações.

Ha, concluidas e ja habitadas, mais de 100 casas de particulares, havendo, entre estas, algumas de muito gosto e elegancia. Começadas, ou em preparos para isto, não haverá menos de 100, que dentro de pouco tempo estarão concluidas, para maior commercio da nova cidade, e embellezamento de suas ruas, avenidas e praças. Parece nm sonho ou um conto de fadas!

Quem pensaria—ja não direi «diria«—que o velho, pobre, humilde e decadente Curral d'El-Rei havia de, em tão rapido vôo, elevar-se á altura em que hoje o vemos, e ainda, de mais a mais, tendo diante de si um futuro tão risonho e brilhante!

Bello Horizonte, na rapidez de sua construcção, pode disputar a palma a S. Petresburg, a Pompeia, a La Plata;—e, quem sabe, si podel-o ha tambem, mais tarde, quanto a sua belleza artistica e á elegancia architetonica de seus principaes edificios?! O futuro nol-o dirá.

A nova capital de Minas Geraes ha de attrahir a attenção do mundo europeu. Já actualmente o olhar curioso, perscrutador e exigente do visitante acha muito que admirar e que elogiar em Bello Horizonte:—seu clima amenissimo e suave, a pureza, abundancia e potabilidade de suas aguas, sua esplendida disposição topographica, seus numerosos edificios, concluidos uns, por concluir outros e começados ainda outros; suas diversas ruas e avenidas ja meio edificadas, seus importantes estabelecimentos commerciaes, industriaes e de serra-

rias a vapor, seu activo movimento commercial, emfim, tudo forma um conjunto harmonico que obriga o visitante, vivamente impressionado, a exclamar com enthusiasmo:—«Como é bello e animador! é mesmo magnifico!»

Mas a muitos, que não estão acostumados a sondar o fundo das cousas, e que, incapazes da uma illação qualquer, só se impressionam com o que lhes fere a retina, passam despercebidas certas bellezas naturaes de Bello Horizonte, e toda a belleza artistica do plano do nova cidade, que, só depois de executado, verão que é um primor, verdadeiramente um primor.

Mais alguns annos ainda, e eis-nos em plena e brilhante realidade. E então é que será completa a victoria de Bello Horizonte sobre seus poucos inimigos, que, desde hoje, vão ja sentindo, pouco a pouco, o peso de sua crescente derrota. E quando alguem, em futuro não mui remoto, acertar de correr os olhos por estas obscuras paginas que ahi ficam, e combinar o que as mesmas dizem com o que seus olhos veem na nova capital deste glorioso e feliz estado de Minas, ou seus ouvidos ouvem sobre a mesma, dirá de se para se: «Teve razão o auctor deste opusculo».

E, com isto, adeus, caro leitor; não nos queira mal por lhe termos enfadado com estas nossas arengas, que ahi ficam com o nome de «Traços Historicos e Descriptivos de Bello Horizonte».

FIM

INDICE

Ao leitor	pag.	1
Capitulo I—Preambulos	«	1
« II—Posição—Aspecto geral—Clima	«	4
« III—Origem	«	9
« IV—Fundação	«	13
« V—Causas de decadencia	«	16
« VI—Casamentos de parentes	«	19
« VII—Salubridade	«	24
« VIII—Indole e trabalho	«	28
« IX—Producções e exportações	«	32
« X—Instrucção	«	36
« XI—Egreja Matriz	«	38
« XII—Patrimonio	«	42
« XIII—Capellas e cruzeiros	«	46
« XIV—Festas	«	49
« XV—Festas da Padroeira	«	53
« XVI—Festas profanas	«	56
« XVII—Instrucção religiosa	«	59
« XVIII—Protestantismo reprovado	«	62
« XIX—Freguezia sem parocho etc.	«	67
« XX—Questão da mudança	«	72
« XXI—Noticia da mudança etc.	«	75
« XXII—Commissão constructora	«	79
« XXIII—Desapropriações etc.	«	82
« XXIV—Exodo dos antigos habitantes	«	85
« XXV—Trabalho de gabinete etc.	«	88
« XXVI—Chefia do dr. Bicalho	«	94
« XXVII—Festas inauguraes	«	94
« XXVIII—Partida de Gen. Carneiro etc.	«	98
« XXIX—Bençãos, discursos, concertos	«	101
« XXX—Conclusão	«	105

CREAÇÃO

DA

PROVINCIA DE S. FRANCISCO.

CÓPIA